



Instituto de Relações Internacionais

Como o crescimento do comércio de commodities pela Rússia vem impactando a sua economia nacional desde os anos pós Guerra Fria até a atualidade?

Luís Fernando Mutuano Cavalcanti de Barros

Matrícula: 1810803

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Relações Internacionais da PUC-Rio, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Professor Marcelo José Braga Nonnenberg



Instituto
de Relações
Internacionais

Rio de Janeiro

Junho de 2022

Luís Fernando Mutuano Cavalcanti de Barros

Como o crescimento do comércio de commodities pela Rússia vem impactando a sua economia nacional desde os anos pós Guerra Fria até a atualidade?

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Relações Internacionais da PUC-Rio, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Professor Marcelo José Braga Nonnenberg

Rio de Janeiro

Junho de 2022

Resumo

Em decorrência das crises internas oriundas da dissolução da URSS no início da década de 1990, os russos optaram por investir nas exportações de commodities nas décadas seguintes. Nos anos 2000, obtiveram êxito, surfando na onda do aumento dos preços das matérias-primas no mercado internacional. Entretanto, nos anos 2010, diversas novas crises surgiram e a Rússia se viu num impasse econômico-comercial, já que sua economia passou a depender das exportações de petróleo e gás natural e o cenário internacional então passou a ser desfavorável. A nova conjuntura contribuiu para o gradual rompimento dos russos com os parceiros tradicionais do Ocidente e acelerou sua aproximação com a China. Contudo, o novo panorama comprovou a fragilidade da economia russa e da estratégia do governo em investir apenas em uma restrita gama de produtos dependentes das flutuações dos mercados internacionais. Assim, a mediocridade do país em relação às questões econômicas se mostrou claramente presente.

Palavras-chave: Rússia; economia; exportações; commodities.

Abstract

As a result of the internal crises arising from the dissolution of the USSR in the early 90s, the Russians chose to invest in commodity exports in the following decades. In the 00s, they were successful, benefiting themselves from the rising of raw material prices on the international market. However, in the 2010s, several new crises emerged and Russia found itself in an economic trade-off, as its economy had began to depend on exports of oil and natural gas, and the international scenario then had become unfavorable. The new situation contributed to the Russian's gradual break with traditional Western partners and accelerated their rapprochement with China. However, the new scenario proved the fragility of the Russian economy and the government's strategy of investing only in a restricted range of products dependent on fluctuations in international markets. Thus, the country's mediocrity in relation to economic issues was clearly present.

Keywords: Russia; economy; exports; commodities.

Sumário

Introdução	p. 4
------------------	------

Capítulo 1 – Da Guerra Fria à Pandemia da COVID 19 – uma breve análise dos aspectos comerciais da Rússia no cenário internacional

I.	O panorama geral	p. 6
II.	1990 – 2000: os anos de crise pós-URSS	p. 11
III.	2000 – 2008: a retomada econômica russa	p. 15
IV.	2008 – Hoje: instabilidade gera novas perspectivas	p. 17
V.	As contribuições das exportações para a economia russa	p. 19

Capítulo 2 – As Relações da Rússia com seus os Principais Parceiros Comerciais

I.	As relações comerciais com os europeus nas últimas duas décadas	p. 30
II.	O caso da Alemanha: dependência escancarada?	p. 36
III.	Novas perspectivas a partir de 2014: a aproximação com a Ásia	p. 42

Capítulo 3 – A Crise com a Invasão Russa na Ucrânia e suas Implicações para o Comércio Internacional

I.	Possíveis efeitos das sanções ocidentais sobre a Rússia	p. 51
II.	As implicações sobre as cadeias globais de valor	p. 59

Conclusão	p. 65
-----------------	-------

Referências bibliográficas	p. 67
----------------------------------	-------

Introdução

Com a queda e consequente dissolução da União Soviética em 1991, vários novos países soberanos surgiram nos territórios do leste europeu e da Ásia central. Entre eles, destacou-se a Federação Russa, principal herdeira do antigo poderio da URSS e país de maior território. Entretanto, os russos, considerados os grandes provedores da antiga superpotência global, passaram por enormes dificuldades econômico-financeiras e sociais durante os primeiros anos sob contexto da nova ordem mundial pós Guerra Fria. A Rússia, país visto como grande potência durante quase todo o século XX e respeitado império nos séculos anteriores, passou a ser sinônimo de crises, tanto políticas, quanto econômicas e sociais, ao longo dos anos 1990 (BEZERRA, 2020).

No entanto, a partir da virada para o século XXI, os russos passaram a conviver com um cenário agora favorável, de crescente recuperação econômica e expansão de suas exportações. Sob esse contexto, a Federação Russa encontrou, nas exportações de commodities, o caminho para a volta de seu crescimento na economia e, consequentemente, no poder político internacional. A partir dos anos 2000, a Rússia cresceu e voltou a ocupar postos entre as maiores economias do mundo e a desenvolver relações comerciais muito próximas com vários parceiros, entre eles outras grandes potências europeias e a China. Esse crescimento do comércio internacional de commodities pela Rússia nos últimos anos deu novas condições aos russos de galgar posições mais altas e mais importantes na escala de poder do sistema internacional, já que passaram a ter cada vez mais peso nos mercados internacionais e seus parceiros mais dependentes de suas matérias primas (BEZERRA, 2020).

Entretanto, com a Crise Financeira de 2008, as consequências da crise política na Ucrânia em 2014 e a queda dos preços no mercado internacional de commodities na segunda metade da década de 2010, os russos se viram mais uma vez em um período de certa instabilidade econômica. Essa fragilidade causada pela dependência da economia russa das exportações de commodities a certos parceiros fez com que os líderes estatais buscassem novas parcerias comerciais e, acima de tudo, procurassem investir em novas pautas econômicas internas. Isso fez com que a Rússia, atualmente, se encontre em um processo de mudança, talvez até lenta, segundo alguns, de seu perfil econômico-comercial (BEZERRA, 2020).

Assim sendo, este trabalho tem por objetivo analisar o comércio internacional de commodities feito pela Rússia nas últimas décadas e suas implicações para a conjuntura

atual. Nessa perspectiva, será objetivo de estudo analisar o comércio russo desde os anos pós-Guerra Fria até os dias de hoje. Nesse sentido, **a pergunta fundamental que tentar-se-á responder ao longo dessa análise é: “como o crescimento do comércio de commodities pela Rússia vem impactando a sua economia nacional desde os anos pós Guerra Fria até a atualidade?”**

No primeiro capítulo, buscar-se-á fazer uma breve análise dos aspectos comerciais da Rússia no cenário internacional, desde os anos pós dissolução da superpotência soviética, passando pelo período de recuperação econômica russa, até chegar à contemporaneidade. O objetivo desse capítulo será comparar os dados desses distintos contextos históricos para poder entender de maneira mais clara as nuances (ou não) da trajetória do comércio exterior do país nas últimas três décadas.

No segundo capítulo, buscar-se-ão entender as relações comerciais dos russos com as potências europeias, ao pegar como principal, mas não único, exemplo o caso da Alemanha. Seria a quarta maior economia do mundo uma das grandes dependentes das commodities russas? Procurar-se-á responder a essa pergunta no decorrer desse capítulo.

Por último, já no terceiro e último capítulo, especular-se-ão, de forma breve, as possíveis consequências econômico-comerciais das relações comerciais a partir do ponto de inflexão da guerra na Ucrânia. Será que o conflito armado irá acelerar o processo de mudança das relações russas com seus tradicionais parceiros comerciais? Quais países irão sentir mais as consequências nefastas da retração do comércio internacional com a crise política? O quanto que esses atores podem se prejudicar? Essas perguntas tentarão ser respondidas no decorrer desse último capítulo.

Capítulo 1

Da Guerra Fria à Pandemia da COVID 19 – uma breve análise dos aspectos comerciais da Rússia no cenário internacional

I. O panorama geral

Antes de dissertar sobre cada década do período histórico escolhido para análise, faz-se necessário voltar o foco sobre os aspectos econômicos gerais dos últimos 30 anos, ao fazer agora uma breve análise macro. Desde 1990, a economia e o comércio da Rússia passaram por mudanças dramáticas. O fim do comunismo, após a queda da cortina de ferro em 1989 e a dissolução da União Soviética dois anos depois, levou a uma forte reorientação em direção à Europa Ocidental, e o declínio gradual da economia intra-soviética e o antigo comércio intra-COMECON (MELCHIOR, 2019).

No entanto, o comércio exterior da Rússia não diminuiu a longo prazo: pelo contrário, suas exportações foram alimentadas pelo aumento dos preços das commodities. Como exemplo, poder ser citado o período de 2000 até 2011–2012, quando o comércio da Rússia estava entre os que mais cresciam no mundo, não apenas para exportações, mas também para importações (MELCHIOR, 2019).

Durante os últimos 30 anos, o comércio da Rússia foi acompanhado por uma rápida reorientação geográfica do comércio internacional como um todo. Nesse contexto, a ascensão da Ásia, especificamente da China, vem modificando de maneira crescente as relações comerciais russas com seus parceiros externos (MELCHIOR, 2019).

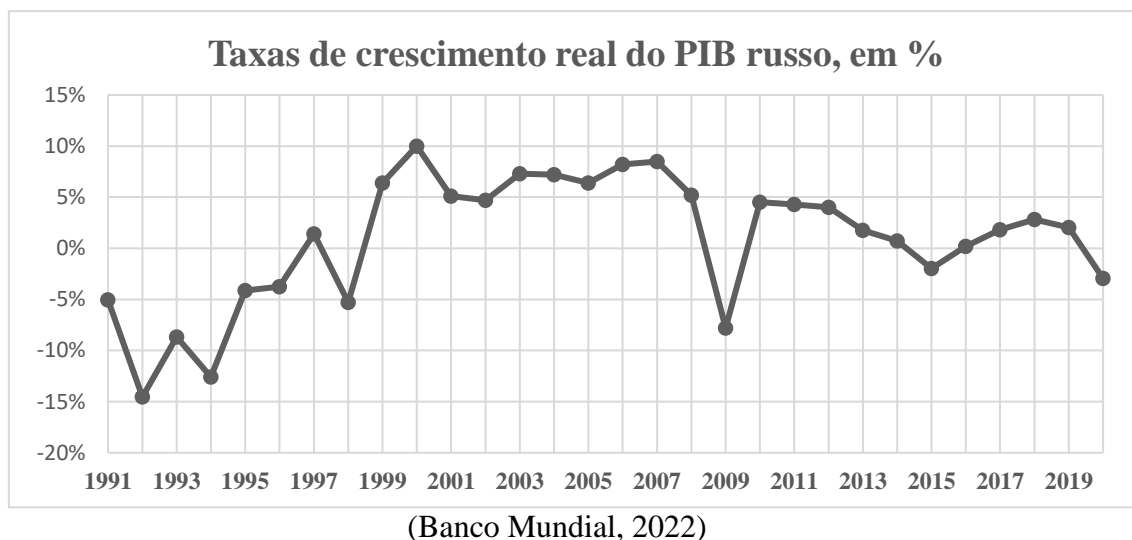
Paralelamente a essa mudança geográfica, vale destacar o rápido enfraquecimento da balança comercial na indústria manufatureira. Esse fenômeno foi considerado mais rápido do que em outros grandes países, até então com um certo desenvolvimento de seus parques industriais (MELCHIOR, 2019).

A última fase desse período de análise nas questões comerciais da Rússia é a partir de 2014, quando houve a combinação de duas grandes influências externas negativas: primeiro, o fim do “boom” dos preços das commodities, que atingiu fortemente o comércio da Federação Russa. Em segundo lugar, houve a crise na Ucrânia e a consequente complicação das relações da Rússia com o Ocidente, incluindo sanções e contra-sanções.

Nesse sentido, os ciclos econômicos internacionais atingiram duramente a Rússia, com quedas consideráveis de seu PIB em 1998, 2009 e 2015. A partir dessa

perspectiva, a Figura 1 ajuda a compreender melhor as nuances da economia russa ao longo das últimas três décadas, desde o fim da URSS até os dias de hoje.

Figura 1



Como pode ser visto na Figura 1, os dados dos anos 1990 refletem muito bem o período de crise político-econômica na recém-criada Federação Russa, com valores representando uma grande estagnação e até queda econômica no país. Já a partir da virada do século, os russos puderam experimentar um grande crescimento de seu PIB até o ano de 2008. A partir de 2009, percebe-se uma grande instabilidade dos números, com grandes variações entre picos de crescimento e de decréscimo nos últimos 10 anos.

A Figura 1 evidencia a grande instabilidade nas taxas de crescimento do PIB russo nos últimos 30 anos. Nos primeiros 10 anos, percebe-se uma clara flutuação dos percentuais de crescimento, representando até uma tendência de alta, porém com muitas variações entre picos e vales no gráfico. Nos anos 2000, vê-se uma certa estabilidade, com taxas percentuais altas. No entanto, a partir da grande depressão em 2009, devido à crise financeira internacional, tem-se mais uma vez um período de variações, claramente menores que na década de 1990, mas ainda assim mais instável que o período de 2000 a 2008, com uma queda significativa em meados dos anos 2010, consequência da queda dos preços no mercado internacional de commodities nessa mesma época.

Como pode ser observado, no período entre as duas crises financeiras de 1998 e 2009, a economia russa apresentou um crescimento impressionante. Entre 2000 e 2008, o PIB cresceu 83%, a produtividade cresceu 70% e as despesas de acumulação de capital fixo dobraram, em termos reais (KUDRIN; GURVICH, 2015). Enquanto, em 1999, o PIB

per capita por paridade de poder de compra (PPC) era de US\$ 9.300 (apenas 25% acima da média global), em 2008, esse indicador havia aumentado para US\$ 21.600 (78% acima da média global) (KUDRIN; GURVICH, 2015). Ademais, a participação da Rússia na economia mundial (na taxa de câmbio de 2015) quadruplicou no mesmo período, de 0,6% para 2,7%. (KUDRIN; GURVICH, 2015). Por último, outro dado importante: o bem-estar da população aumentou consideravelmente: os salários reais aumentaram 3,4 vezes e as pensões reais aumentaram 2,8 vezes (KUDRIN; GURVICH, 2015).

Embora a Rússia seja um gigante em termos de terra e recursos naturais, o país é considerado como uma economia de médio porte para comércio e investimento internacional. Um exemplo concreto é o fato de o país ser apenas o 18º maior player comercial do mundo (MELCHIOR, 2019). Entretanto, esse dado sozinho não revela as flutuações da participação russa no comércio global nas últimas décadas. A importância relativa da Rússia na economia mundial flutuou fortemente ao longo do tempo, com rápido crescimento até 2008; turbulência durante 2009–2013; e declínio a partir de 2014 (MELCHIOR, 2019). As Figuras 2 e 3 mostram, respectivamente, a participação da Rússia nos fluxos mundiais de IED (Investimento Estrangeiro Direto) durante 1992/1993–2017 (Figura 3) e a participação da Rússia no comércio mundial de bens durante 1996–2017 (Figura 4).

Figura 2 - Rússia: Participação nos fluxos mundiais de IDE (%)

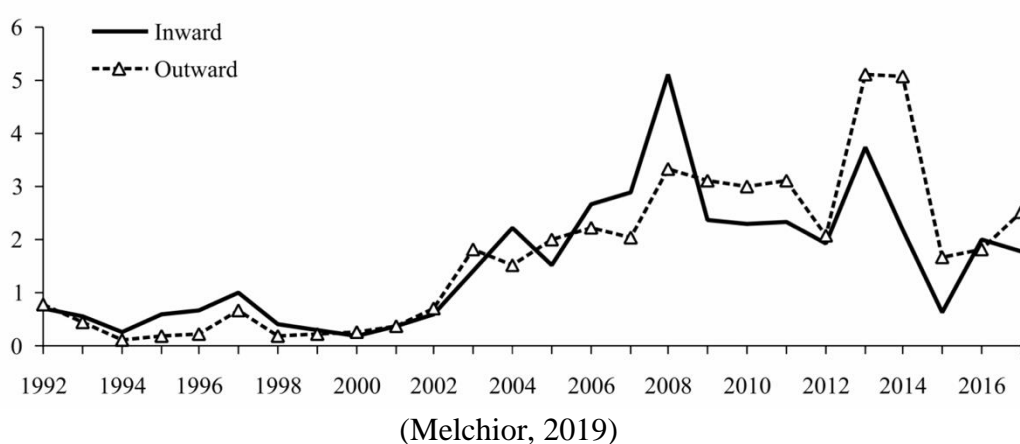
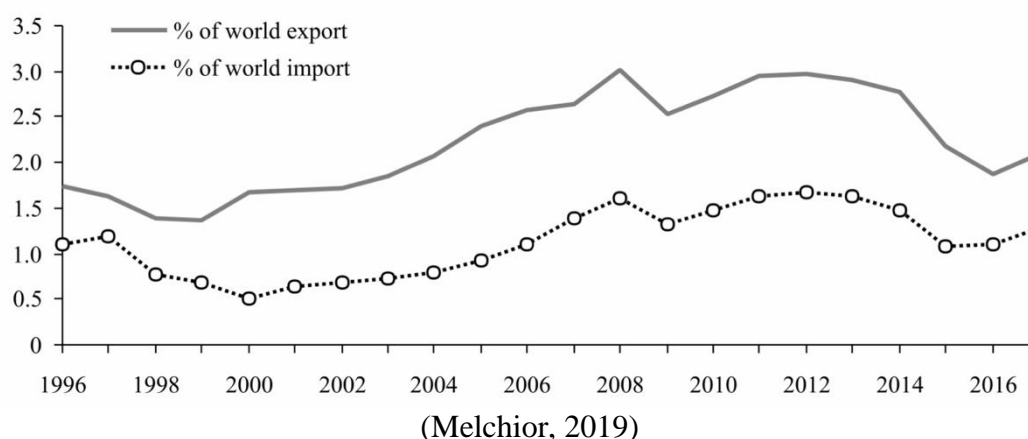


Figura 3 - Rússia: Participação no comércio mundial de bens 1996–2017 (%)



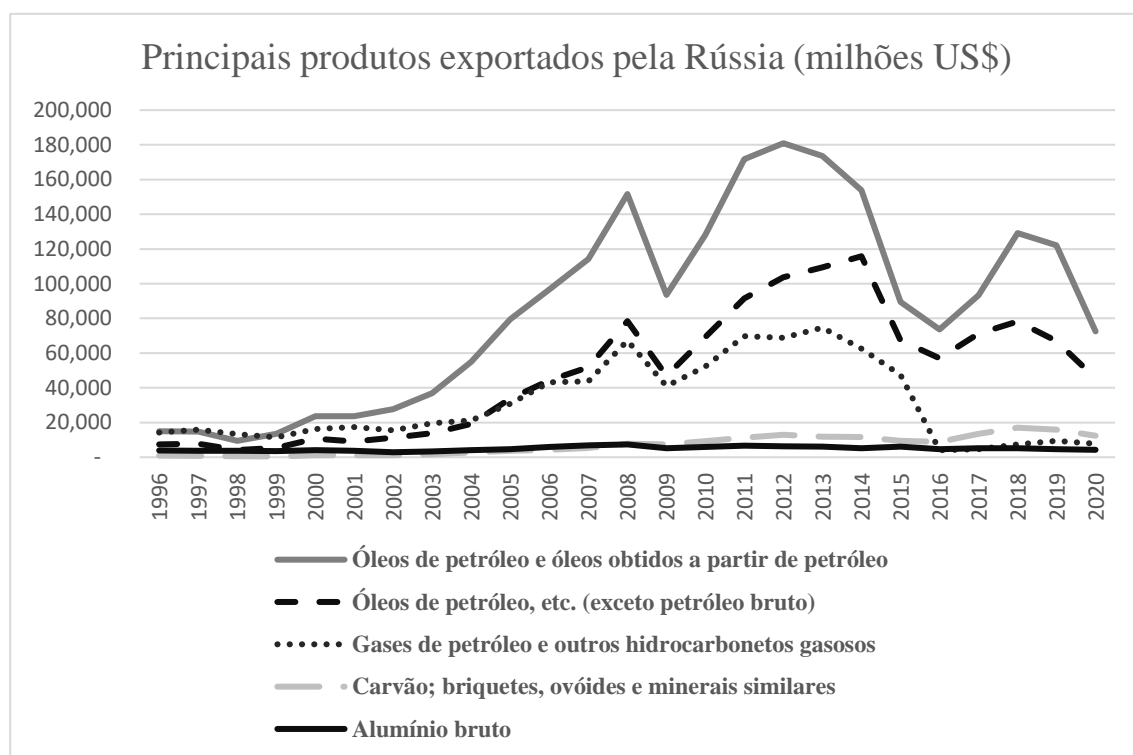
Embora os fluxos de IED sejam mais erráticos do que os fluxos comerciais, o padrão principal ao longo do tempo é o mesmo. Há sempre um rápido crescimento, uma turbulência e, por fim, um declínio. No auge, 2006 – 2008, a participação da Rússia na economia mundial foi cerca de duas vezes maior do que em 2016-2017, tanto para o comércio quanto para o IED (MELCHIOR, 2019).

Para melhor entender os aspectos comerciais do país de uma maneira mais generalista, faz-se necessária uma breve análise das exportações e importações russas nesse período cronológico. A Figura 4 também ajuda a compreender de maneira mais plena os comportamentos comerciais do país ao longo das últimas três décadas, auxiliando também na comprovação do argumento de Melchior (2019) acerca do padrão comercial russo. O gráfico abaixo evidencia que, a partir dos anos 2000, os russos obtiveram um boom de suas exportações de óleos de petróleo e gás natural. Como o gráfico representa os valores exportados, percebe-se que o aumento dos valores dessas exportações se deu muito por conta do aumento dos preços das commodities no mercado internacional, justamente nesse mesmo período cronológico da década de 2000. Como se percebe pela leitura do gráfico, esse fato beneficiou em muito os russos.

Entretanto, a partir da década de 2010, os valores começaram a flutuar muito. A razão por trás desses números inconstantes foi o fim do período de bonança das commodities. Em meados da década de 2010, houve uma crise econômica internacional causada pela queda abrupta dos preços das commodities no mercado internacional. Como pode ser evidenciado a partir da leitura do gráfico na Figura 4, o baque no preço dos principais produtos exportados pela Rússia afetou de maneira negativa o país.

A partir de 2017, o mercado começou a se estabilizar novamente e os preços foram se recuperando. Em consequência, os valores das exportações russas voltaram a crescer. Já em 2020, por causa da pandemia da COVID 19, os valores voltaram a cair.

Figura 4



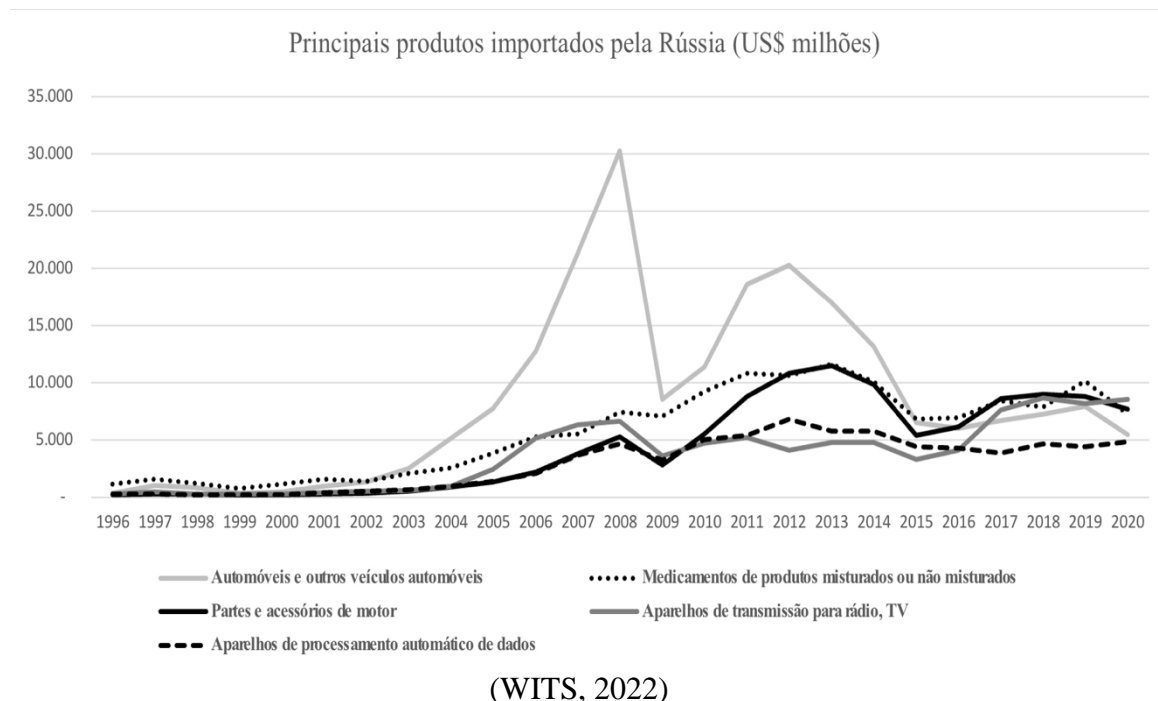
(WITS, 2022)

Após dissertar sobre as exportações, cabe voltar o foco agora para os produtos importados. A Figura 5 mostra os valores das importações da Federação Russa nos últimos trinta anos. Diferentemente do padrão das exportações, com matérias-primas e baixo valor agregado, as importações do país podem ser caracterizadas como produtos industrializados e de maior valor agregado. O que salta aos olhos é uma grande oscilação dos valores de importação de automóveis, com um verdadeiro boom nos valores importados entre 2003 e 2008 e entre 2009 e 2012, e logo em seguida, um baque de 2013 a 2015, que se manteve com valores mais baixos até a atualidade.

Em termos gerais, percebe-se uma clara tendência de grande alta, tanto nas exportações, quanto nas importações da Rússia nas últimas décadas. Entretanto, também pode ser facilmente percebida em ambos os gráficos uma grande queda durante a crise internacional em 2008/2009 para a grande maioria dos produtos exportados e importados,

o que evidencia o grande impacto da crise para o comércio e, consequentemente, para a economia da Federação Russa naquele período.

Figura 5



A partir dessa exposição, algumas dúvidas surgem: por que há tantas variações nos gráficos mostrados até aqui ? As razões pelas quais houve tantas mudanças nos dados da Rússia ao longo dos anos serão mostradas no decorrer desse trabalho.

Assim, fica evidente que a análise acima não mostra as razões pelas quais houve tanta flutuação nos valores do crescimento econômico russo e dos produtos comercializados pelo país nos últimos 30 anos. Assim, a partir desse estudo mais superficial, poder-se-á focar a partir de agora em cada década da História da Rússia, desde o fim da URSS até a atualidade, para enfim entender de maneira plena como e por que houve tantas mudanças nos panoramas econômicos da antiga superpotência mundial.

II. 1990 – 2000: os anos de crise pós-URSS

Com a dissolução da URSS, em 1991, a Rússia, a partir de então comandada por Boris Yeltsin, tornou-se um país recém-entrado no sistema capitalista e em sua economia de mercado, mudança que se pretendia ser um vetor para a volta da prosperidade na

sociedade russa. Entretanto, nos primeiros anos pós dissolução da antiga grande potência soviética, essa guinada político-econômica se mostrou bastante problemática na prática. Apesar das esperanças, a década de 1990 pode ser considerada como um período de depressão econômica na Rússia (ver Tabela 1 abaixo). (SEGRILLO apud BEZERRA, 2020).

Tabela 1

Taxas de Crescimento Econômico Anual da Federação Russa, Período 1992-1999

ANO	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
%	-19	-8,7	-12,7	-4,1	-3,5	0,8	-4,6	5,4

(Bezerra, apud Rosstat [“Serviço Federal de Estatística do Estado”], 2020)

Durante os anos 1990, a ex-nomenclatura, alcunha que se referia aos principais funcionários do antigo aparato de Estado soviético, transformaram-se em grandes proprietários dos meios de produção no país (ŽIŽEK apud BEZERRA, 2020). Ao longo do massivo processo de privatizações, ocorrido na Rússia durante os primeiros anos da transição ao sistema capitalista, os ‘oligarcas’, como ficaram conhecidos, apoderaram-se das antigas principais empresas e fábricas estatais do país. Além disso, muito em decorrência do seu crescente poder na esfera econômico-financeira, os novos multi milionários russos passaram a influenciar também as políticas de governo em seu próprio benefício, administrando o país como um ‘verdadeiro feudo privado’ (BULLOUGH apud BEZERRA, 2020).

Assim sendo, a forma como foram conduzidas as reformas neoliberais na Rússia dos anos 1990 “involuntariamente promoveram a corrupção e um capitalismo de fachada (em função de favoritismos comerciais entre as ex-lideranças soviéticas), na medida em que aqueles que puderam fazê-lo exploraram as reformas e se enriqueceram” (KROEKER apud BEZERRA, 2020, p.205).

Para além desse cenário nada favorável na esfera político-administrativa, a condição econômica, que já era muito turbulenta, tornou-se pior ainda, em consequência dos efeitos da Crise Financeira Asiática de 1998. A recém-criada Federação Russa acabou sendo um dos países mais castigados pela crise internacional, com o rublo (₽) sofrendo significativa depreciação frente ao dólar. Para título de comparação, em julho de 1998 1 ₽ equivalia a 0.16 USD, já em dezembro do mesmo ano, 1 ₽ chegou a valer apenas 0.04 USD (TRADINGECONOMICS, apud BEZERRA, 2020). Esses dados representam uma

incrível desvalorização de cerca de 75% em questão de apenas cinco meses (BEZERRA, 2020).

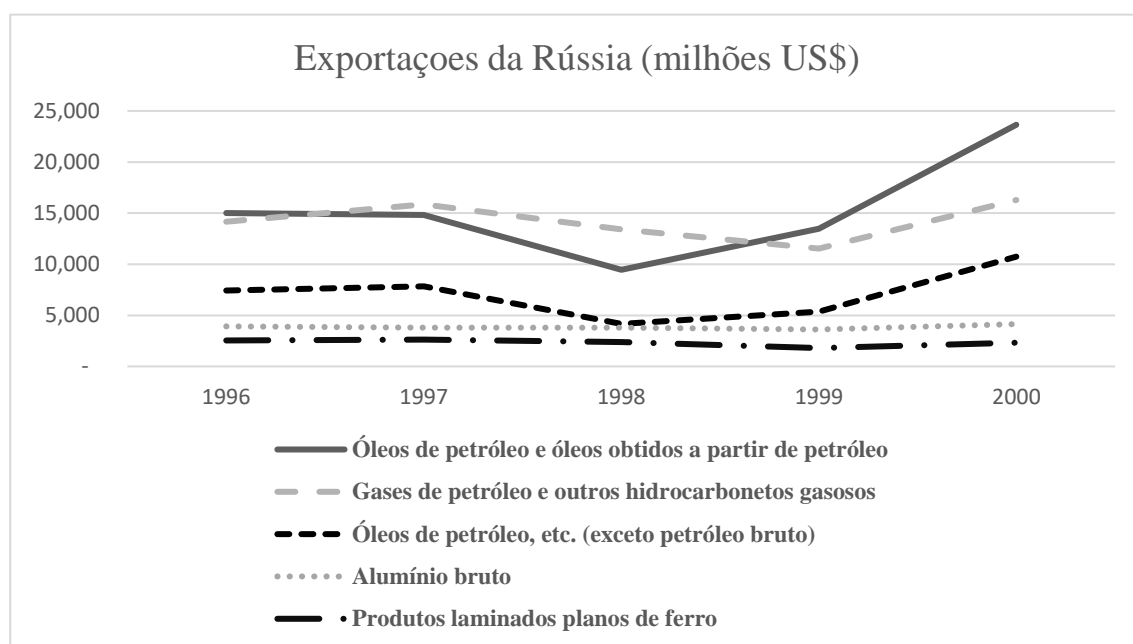
Segundo Mau e Ulyukaev (2015), a crise enfrentada pela Rússia em 1998 foi principalmente uma crise de dívida, alimentada por uma falta de disciplina fiscal e por contínuas restrições orçamentárias, em conjunto com uma política monetária bastante restritiva. Para os autores, tal combinação de fatores levou a uma crise cambial no país naquele ano. (MAU; ULYUKAEV, 2015). Em consequência desse caos financeiro em território russo, houve desconfiança generalizada por parte de investidores internacionais em relação à economia russa. Esse fato acabou por agravar a crise econômica na nação e, como última e até mais nefasta consequência, resultou em problemas de abastecimento de diversos produtos, até de alimentos, em diversas regiões do país. (BEZERRA, 2020).

Ademais, para Mau e Ulyukaev (2015), a crise financeira na Rússia em 1998 teve uma importante característica definidora: ela coincidiu com o fim da, chamada por eles, “crise de transformação”. Em outras palavras, a transição de um sistema econômico planejado para um orientado pela economia de mercado. Assim, para os autores, apenas quando a Rússia conseguiu retomar a sua estabilização macroeconômica, ela passou a reviver o seu crescimento econômico (MAU; ULYUKAEV, 2015).

Para além das contribuições de Mau e Ulyukaev, não se pode descartar as oscilações nas exportações do país nos anos 1990. Como pode-se perceber no gráfico abaixo (Figura 6), as exportações do país durante esse período conturbado variaram muito. Assim, essa grande flutuação entre os volumes exportados pelos russos na década de 90 também pode ser considerada como uma das razões por trás da crise econômico-financeira do país.

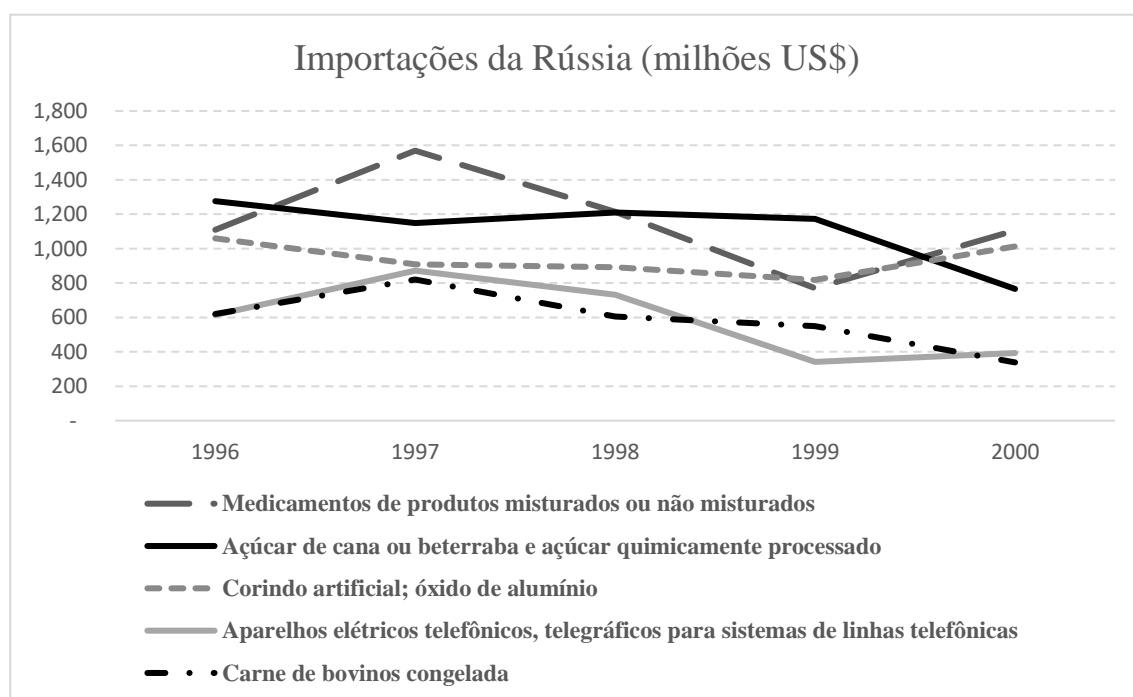
A partir da leitura do gráfico na Figura 6, percebe-se que a crise financeira de 1998 de fato impactou o país, pois como mostram os valores, houve uma queda muito grande das exportações russas naquele ano, principalmente nas exportações de óleos de petróleo, as principais fontes de receita do país. Os valores saíram de US\$15 bilhões para em torno de US\$ 9 bilhões, uma diferença de incríveis US\$ 6 bilhões em apenas 1 ano. Outra commodity que caiu muito seus níveis de exportação foi o gás natural, que no intervalo entre 1998 e 1999, saiu de em torno de US\$ 16 bilhões para US\$ 11/12 bilhões, uma diferença de US\$ 4/5 bilhões em apenas 2 anos.

Figura 6



(WITS, 2022)

Figura 8



(WITS, 2022)

Já o gráfico de importações acima foi colocado em análise apenas para evidenciar um fato um tanto curioso: a mudança no perfil das importações russas entre os anos 1990 e os anos a partir da década de 2000. Ainda durante a década de 90, a Federação Russa

ainda importava em grandes quantidades certas matérias primas e alimentos como, por exemplo, açúcar de cana e carne bovina, representando o segundo e o quinto produtos mais importados, respectivamente. A partir dos anos seguintes, as importações de produtos com maior valor agregado, principalmente do setor automobilístico, como pôde ser visto anteriormente na Figura 5, passaram a dominar a pauta da importações do país.

III. 2000 – 2008: a retomada econômica russa

Já na virada do século, os russos se depararam com a chegada ao poder de Vladimir Putin (ex-general da KGB durante o período soviético e até então chefe das forças de segurança do Estado, FSB). Após ter sido eleito nas eleições de março do ano 2000, Putin procurou seguir uma nova orientação econômica para a Rússia. O que de fato passou a ocorrer ao longo dos anos seguintes (BEZERRA, 2020).

Como um dos grandes exemplos dessa nova política econômica, tem-se a “reestatização” da Gazprom, maior produtora e exportadora de gás natural do mundo, com o governo russo aumentando sua participação acionária na empresa para pouco mais de 50% no ano de 2005 (BEZERRA, 2020). Tal movimento representou uma clara guinada em relação às políticas neoliberais do governo anterior de Boris Yeltsin (BEZERRA, 2020).

Enquanto, na década anterior, houve uma intensa política de privatizações de empresas estatais, nos anos 2000, passou-se a adotar a prática de “reestatizar” grandes corporações privadas, principalmente no setor energético, este que passou a ser setor de cunho estratégico para a recuperação econômica russa (FREIRE, apud BEZERRA, 2020). Nesse sentido, as empresas de energia “foram alçadas à condição de locomotivas do crescimento russo” (ADAM, apud, BEZERRA, 2020, p. 206).

Com um vastíssimo território geográfico, muito rico em recursos naturais, como petróleo e gás, a Rússia pôde se aproveitar do crescimento econômico global dos países industrializados europeus e, principalmente, da China para ampliar suas receitas de forma significativa, com base nos investimentos para exportação de commodities no mercado internacional. (BEZERRA, 2020). Ademais, os russos também foram muito beneficiados com o chamado “boom” do mercado internacional de commodities na década de 2000. Como forma de comparação, o valor do barril de petróleo saltou de pouco menos de 30 USD em 2001 para quase 100 USD em 2008 (FMI, apud BEZERRA, 2020). Esse cenário

externo muito favorável também pode ser considerado como um dos principais fatores contribuintes do crescimento econômico russo, durante os primeiros anos do governo Putin. Assim sendo, entre 2000 e 2008, a economia russa cresceu cerca de 6% ao ano em média (ver Tabela 2 abaixo) (BEZERRA, 2020).

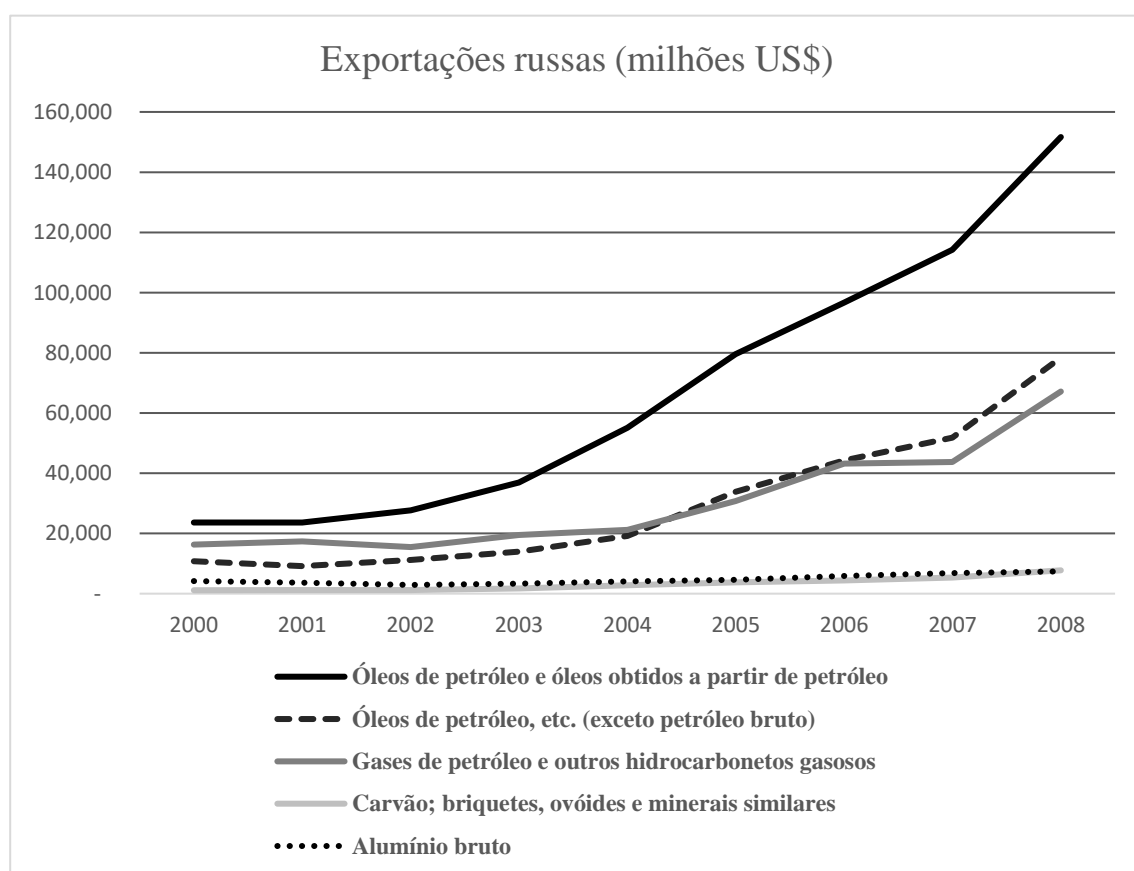
Tabela 2

Taxas de Crescimento Econômico Anual da Federação Russa, Período 2000-2008									
ANO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
%	10	5,1	4,7	7,3	7,2	6,4	8,2	8,5	5,2

(Banco Mundial, apud Bezerra, 2020)

Nesse sentido, a abundância em recursos naturais em território russo acabou por reduzir os incentivos à exportação de mercadorias com maior valor agregado. Assim sendo, o comércio exterior da Rússia passou a ser dominado por commodities primárias nas últimas duas décadas (YARASHEVICH, apud BEZERRA, 2020).

Figura 8



(WITS, 2022)

O gráfico acima (Figura 8) ajuda a ratificar os argumentos dos autores, na medida em que representa o grande salto das exportações de óleos de petróleo e gás natural pelos russos, no intervalo entre os anos de 2000 a 2008. De maneira bastante clara, o gráfico mostra um verdadeiro boom nos valores de exportação de óleos de petróleo e de gás natural nos anos 2000. Essas commodities passaram a ser, de maneira disparada, as maiores fontes de receita do país a partir da virada do milênio.

IV. 2008 – Hoje: instabilidade gera novas perspectivas

No entanto, apesar do período de relativa prosperidade, vivenciado durante os primeiros anos do Governo Putin, com a Crise Financeira de 2008, seguida pela crise política ucraniana de 2014, subsequentes sanções de países do Ocidente contra Moscou e a queda dos preços das commodities no mercado internacional na década de 2010, a Rússia passou a conviver com um período de certa instabilidade econômica.

Após a Crise Financeira de 2008, o país testemunhou uma queda no PIB de -7,8% em 2009 (BEZERRA, 2020). Nesse sentido, a queda dos preços do petróleo de 145 para 37 USD/barril durante 2008-2009 foi crítica para a economia russa (MAU; ULYUKAEV, 2015). No entanto, consideráveis reservas de ouro, moeda estrangeira e orçamento mitigaram significativamente a fase aguda da crise e ajudaram a sustentar a economia até que os preços do petróleo voltassem a um nível razoável (MAU; ULYUKAEV, 2015).

Ademais, mesmo com a recuperação econômica ocorrida entre os anos de 2010 a 2013, a Rússia voltaria a passar por dificuldades econômicas em decorrência dos resultados da crise ucraniana, com a anexação russa à força da península da Crimeia, em 2014 (BEZERRA, 2020). Assim, a partir daquele ano, como punição pelo seu envolvimento militar direto nas questões políticas da Ucrânia, as sanções do Ocidente impostas a Moscou, aliadas à queda no preço do petróleo no mercado internacional, foram mais dois grandes impeditivos à volta do crescimento econômico russo (BEZERRA, 2020).

Segundo Mau e Ulyukaev (2015), entre 2014 e 2015, a Rússia enfrentou três componentes de crise simultaneamente: estrutural, cíclico (mercado interno) e externo. Em primeiro lugar, tratava-se de uma crise nas taxas de crescimento estrutural. De acordo com estimativas do Gaidar Institute for Economic Policy, as taxas estruturais de crescimento do PIB russo caíram de aproximadamente 4,0–5,0% ao ano durante a década

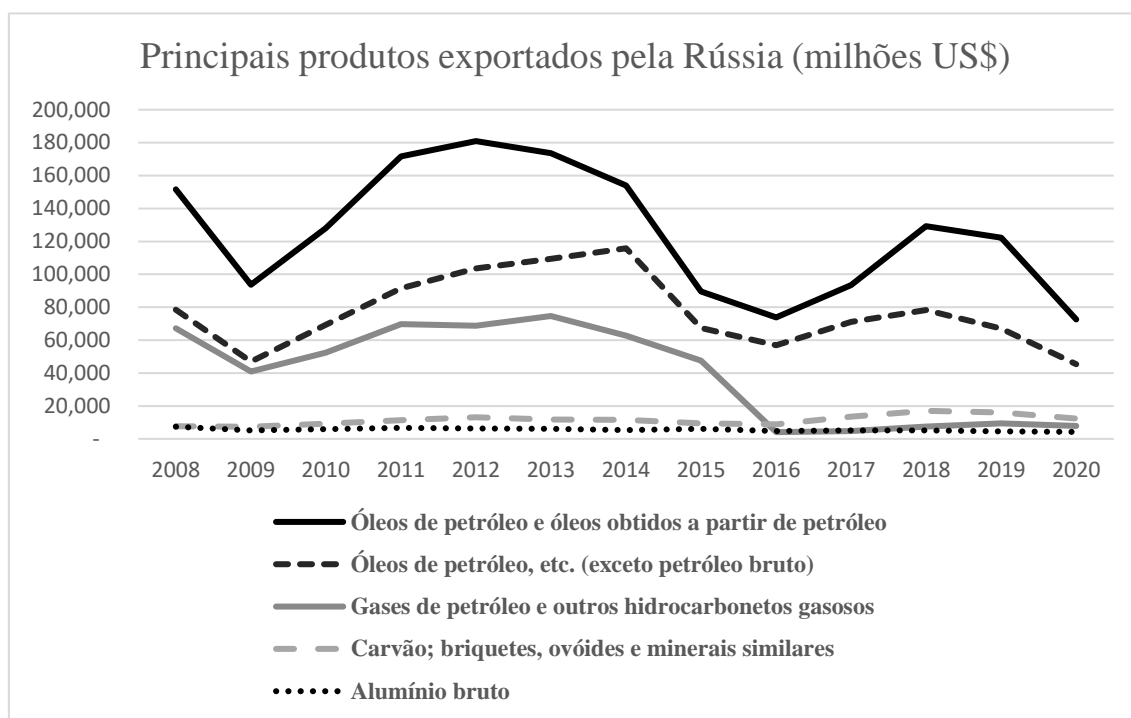
de 2000 para 1,0–1,5% em 2014 (GIEP, apud MAU; ULYUKAEV, 2015). Em outras palavras, no período de 2000 a 2015, a economia da Rússia perdeu, em média, de 3% a 4% de crescimento do PIB por ano (Sinelnikov-Murylev et al., apud Mau; Ulyukae, 2015).

Em segundo lugar, para Mau e Ulyukae (2015), a crise de meados dos anos 2010 foi também empresarial cíclica interna. Segundo os autores, as características desse tipo de crise são as seguintes: diminuição das taxas de crescimento dos investimentos; um abrandamento do crescimento dos empréstimos bancários ao setor não financeiro; um aumento na proporção de dívidas “incobráveis” para os bancos; uma expansão da demanda do consumidor pela população, alimentada pelo crédito ao consumidor; um declínio na participação dos lucros na economia; e redução do número de pequenas e médias empresas (MAU; ULYUKAEV, 2015).

Por último, a crise dos anos 2010 pode ser ligada a mudanças nas condições econômicas externas, mais especificamente, a uma reversão da tendência dos preços do petróleo. Para Mau e Ulyukae (2015), o ponto tênue do fato de que a crise de 2008-2009 foi aparentemente superada deveu-se, na verdade, à continuidade do modelo anterior de crescimento econômico russo, sob o qual altas taxas de crescimento só são possíveis com preços do petróleo em constante crescimento. A queda dos preços do petróleo fez baixar a componente de comércio externo do crescimento do PIB para praticamente zero em 2014 e para valores negativos em 2015 (MAU; ULYUKAEV, 2015). Portanto, a contribuição das exportações de petróleo para a economia russa nesse período sofreu uma queda abrupta, devido à queda dos preços dessa commodity no mercado internacional.

O gráfico abaixo (Figura 9) auxilia no entendimento de como a queda nos preços das commodities prejudicou a Rússia na década de 2010. Como poder ser observado, depois da queda com a crise financeira internacional entre 2008 e 2009, houve uma grande recuperação dos valores de petróleo e gás no intervalo entre 2010 e 2013. Entretanto, a partir de 2014, houve uma grande queda novamente. Esse fato se deu em decorrência da crise internacional a partir da invasão à península da Crimeia, em 2014, as consequentes sanções econômico-comerciais do Ocidente contra a Rússia em forma de punição ao seu envolvimento militar direto nas questões ucranianas e, por último, já em 2015 e 2016, o baque dos preços das commodities no mercado internacional, estes que acabaram por prejudicar em muito as exportações do país naquele período.

Figura 9



(WITS, 2022)

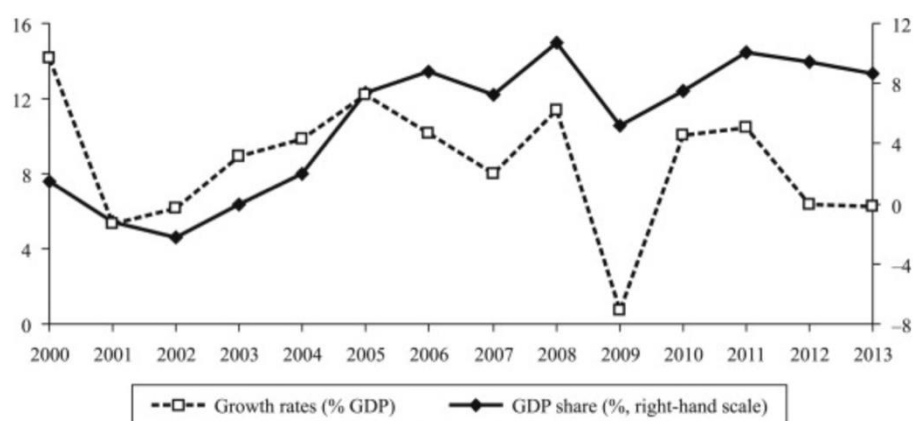
V. As contribuições das exportações para a economia russa

A partir de agora, adotar-se-á uma análise mais detalhada, a partir da perspectiva das contribuições das exportações para as flutuações de crescimento da economia russa. Seriam as exportações de commodities o grande motor do crescimento russo? Como revelam os dados, para a economia russa, as receitas de exportação também foram um dos principais motores de crescimento. No entanto, vale destacar que este resultado foi mais um acaso, devido ao aumento dos preços do petróleo, gás e outras matérias-primas no mercado global, do que um aumento nas exportações (KUDRIN; GURVICH, 2015). Para avaliar quanto a economia russa ganhou com os preços mais altos dos hidrocarbonetos, calcularam-se as receitas de exportação inesperadas (ou excedentes) resultantes de petróleo e gás mais caros para cada ano em comparação com 1999 (todos os preços convertidos em dólares constantes) (KUDRIN; GURVICH, 2015).

O ano-base é 1999, quando o petróleo dos Montes Urais custava US\$ 17,2/barril, valor típico da década de 1990. O preço médio (em dólares de 1999) foi de US\$ 19,6/barril nesse período. Devido ao aumento dos preços dos hidrocarbonetos, a Rússia recebeu uma receita adicional equivalente entre 5% e 15% do PIB (9,4% do PIB anualmente, em

média) de 2000 a 2008. Após a crise, de 2010 a 2013, as receitas excedentes oscilaram entre 12,5% e 14,5% do PIB, enquanto antes da crise cresciam continuamente (exceto 2001 e 2002) a uma taxa média anual de 4% do PIB. De 2012 a 2013, as receitas nominais superavitárias se estabilizaram e o crescimento parou (KUDRIN; GURVICH, 2015). Esses dados podem ser melhor analisados a partir da Figura 10.

Figura 10 - Ganhos de petróleo e gás russos no período de 2000 a 2013



(Kudrin; Gurvish, 2015)

As receitas excedentes de petróleo e gás totalizaram US\$ 2,1 trilhões (em dólares americanos de 2013) de 2000 a 2013. Os nove anos anteriores à crise de 2009 representaram US\$ 0,9 trilhão, enquanto US\$ 1,2 trilhão ocorreu durante os cinco anos seguintes a ela. Em paralelo, durante todo o período de 13 anos, o total de ganhos inesperados foi 7,5 vezes o PIB de 1999 (KUDRIN; GURVICH, 2015).

A razão desse crescimento se dá nas exportações mais caras. Elas aceleraram o crescimento econômico, principalmente devido à maior demanda internacional. Como resultado das reformas na tributação do setor de petróleo e gás implementadas em 2002, parte da renda natural proveniente desse setor (70% em média) passou a ser retirada do orçamento federal (GURVISH, apud KUDRIN; GURVICH, 2020). Combinado com o crescimento dos preços dos hidrocarbonetos, as receitas de petróleo e gás aumentaram significativamente. A título de comparação, os valores dessas receitas aumentaram em 40 vezes de 2000 a 2008, ou 8 vezes em termos reais (KUDRIN; GURVICH, 2015).

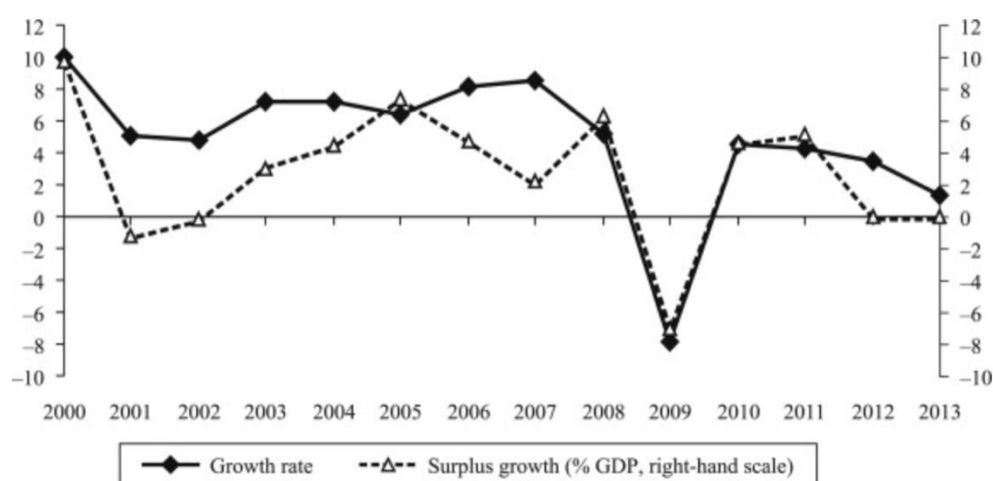
Vários estudos apresentam avaliações quantitativas de como os preços do petróleo afetam os indicadores de crescimento da economia russa. Os resultados são relativamente

próximos entre a maioria deles: a elasticidade do volume do PIB físico pelos preços do petróleo no período pré-crise de 2009 foi de 0,15 (Kuboniwa, apud Kudrin; Gurvish, 2015), 0,2 (Rautava, apud Kudrin; Gurvish, 2015) e 0,24–0,25 (Ito, apud Kudrin; Gurvish, 2015, Korhonen; Ledyaeva, apud Kudrin; Gurvish, 2015). Para Kudrin e Gurvish (2015), o aumento dos preços do petróleo de 2001 a 2006 aumentou a taxa de crescimento anual do PIB em cerca de 2,5 pontos percentuais, o que corresponde a um rácio de elasticidade de 0,2 (SUNI, apud KUDRIN; GURVISH, 2007).

Ao aplicar as estimativas acima aos dados de crescimento do preço do petróleo pré-crise, pode-se colocar o incremento correspondente ao crescimento do PIB da Rússia em 3,0–3,5% ao ano. Assim, da taxa média de crescimento de 6,9% neste período, cerca de metade foi causada por condições externas favoráveis (e em contínua melhoria). O crescimento “intrínseco” responde pelos 3,5 - 4,0% restantes em comparação com a taxa de crescimento de 4,3% da economia global (KUDRIN; GURVISH, 2015).

A conexão entre as receitas excedentes de petróleo e gás e o crescimento econômico é mostrada na Figura 11. A partir da leitura dos dados no gráfico, percebe-se que essa conexão entre as receitas de exportação das duas commodities e o crescimento econômico russo tornou-se especialmente próxima em 2009. No entanto, antes da crise, a correlação entre o crescimento da receita excedente e a taxa de crescimento do PIB era de 0,57. De 2009 a 2013, o valor saltou para 0,93 (KUDRIN; GURVISH, 2015).

Figura 11 – Taxa de crescimento do PIB e receitas de petróleo e gás (%)



(Kudrin; Gurvish, 2015)

Portanto, o principal motor de crescimento da economia russa antes da crise foi o aumento das exportações das commodities. O crescimento da produção russa foi parcialmente causado pelo crescimento dinâmico da economia global em geral e uma respectiva expansão da demanda externa na produção russa (KUDRIN; GURVISH, 2015). Em grande parte, o crescimento russo foi provavelmente consequência das forças do mercado após o período de transição e após o término da crise financeira de 1998 (KUDRIN; GURVISH, 2015).

Em suma, segundo os autores:

As enormes receitas excedentes que a Rússia recebeu devido às condições favoráveis nos mercados de commodities aceleraram consideravelmente o crescimento da produção, garantiram um aumento recorde da renda das famílias (juntamente com os salários em todos os ramos, incluindo os setores públicos, pensões, etc.) e maior estabilidade macroeconômica (Kudrin; Gurvish, 2015, p.40).

Ao mesmo tempo, segundo os autores, não se pode dizer que os recursos alocados para a modernização econômica (na forma de investimentos governamentais, gastos para criação de instituições de desenvolvimento, subsídios diversos etc.) tenham dado resultados tangíveis, pois a competitividade internacional da Rússia não melhorou (KUDRIN; GURVISH, 2015).

Para os autores, o período de 2009 a 2013 confirma essa conclusão. Em 2011, os preços do petróleo aumentaram, novamente batendo recordes históricos, e se mantiveram nesse patamar. Os fluxos de capital para países em desenvolvimento e mercados emergentes flutuaram em torno de um valor abaixo do nível recorde de 2007, mas superior a todos os anos anteriores (KUDRIN; GURVISH, 2015). Assim, as condições não se deterioraram para a economia russa. No entanto, a estabilização desses preços não foi suficiente para que a entrada de capitais fosse substituída por uma saída de capitais estável. Nesse contexto, o crescimento dos investimentos em capital fixo diminuiu gradualmente, parou completamente em 2013 e o crescimento do PIB desacelerou para 1,3% (KUDRIN; GURVISH, 2015).

Entretanto, após a crise de 2009, outros fatores deixaram de ter efeito, possivelmente devido a novas e desfavoráveis condições, incluindo incertezas no ambiente macroeconômico, volatilidade cambial e inconsistência nas ações governamentais em diversas questões (RAUATAVA, apud KUDRIN; GURVISH, 2015). Nesse contexto desfavorável, o Banco Mundial argumentou que esses fatores levaram a uma “crise de confiança” por parte dos investidores (BANCO MUNDIAL, apud KUDRIN; GURVISH, 2015). Assim, para os autores: “No final, o crescimento tornou-se

quase inteiramente determinado por mudanças nas receitas de petróleo e gás.” (KUDRIN; GURVISH, 2015, p. 37).

Portanto, pode-se inferir que a economia da Federação Russa depende muito das receitas de petróleo e gás, que, por sua vez, dependem dos preços globais do petróleo e do gás natural. Assim sendo, a situação econômica global instável aumenta os riscos orçamentários na Rússia, que não são fáceis de prever. Nesse sentido, o setor público da Federação Russa é muito exposto à dependência da economia nacional em petróleo e gás (SABITOVA; SHAVALEYEVA, 2015).

Para justificar essa afirmação, os autores apresentam alguns dados. De acordo com o Banco Central da Rússia, de 2000 a 2008, o PIB aumentou 1,7 vezes, enquanto os preços de exportação do petróleo 4,3 vezes e os preços naturais preços do gás 4,1 vezes (CENTRAL BANK OF RUSSIA, apud SABITOVA; SHAVALEYEVA, 2015). Durante a crise de 2009, os preços médios do petróleo de exportação caíram 1,6 vezes e o gás 1,4 vezes, enquanto o PIB diminuiu apenas 7,8%. O crescimento adicional dos preços médios de exportação de petróleo e gás natural em 2011-2013 não resultou em crescimento semelhante do PIB, embora tenha sido registrado (CENTRAL BANK OF RUSSIA, apud SABITOVA; SHAVALEYEVA, 2015).

No entanto, no final de 2014, os preços do petróleo caíram rapidamente. As maiores taxas de queda foram registradas no período de setembro de 2014 a dezembro do mesmo ano, quando os preços caíram de 100 USD por barril para 56 USD por barril. Os valores do PIB e dos preços médios de exportação do petróleo e gás natural são fornecidos na Tabela 3 abaixo.

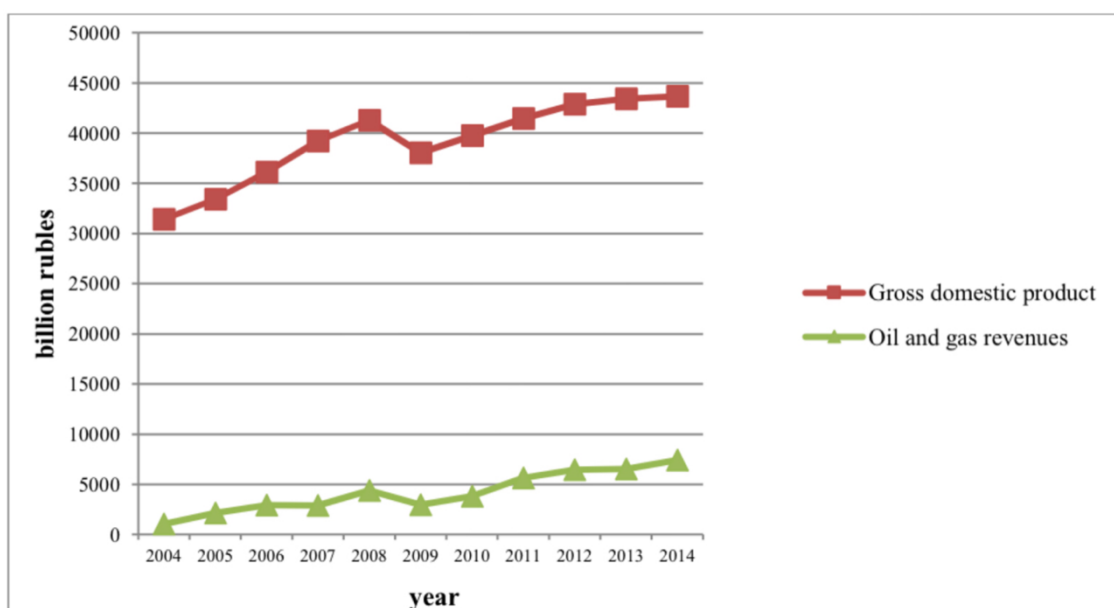
Tabela 3 - PIB russo e preço médio do gás natural, em bilhões de dólares

Anos	PIB russo, bilhões US\$	Preços médios de exportação do gás natural, US\$ por barril
2000	467.04	20.94
2001	490.82	20.78
2002	514.36	21.02
2003	551.88	23.02
2004	591.48	31.02
2005	629.20	45.21
2006	680.50	56.32
2007	738.58	64.28
2008	777.34	90.68
2009	716.55	55.61
2010	748.82	74.11
2011	780.75	101.74
2012	807.40	103.14
2013	817.54	100.41
2014	822.15	97.60

(Banco Central da Rússia, apud Sabitova; Shavaleyeva, 2015)

Para os autores, a economia russa, especialmente o seu sistema orçamentário, depende das receitas de petróleo e gás. A análise do comportamento do PIB e das receitas de petróleo e gás da Federação Russa sugere que suas tendências se repetem em geral. Esses fatos podem ser evidenciados a partir da leitura da Figura 12 abaixo.

Figura 12 Comportamento do PIB russo e das receitas de petróleo e gás, em bilhões de ₺



(Sabitova; Shavaleyeva, 2015)

Segundo os autores, as receitas das empresas do setor cresceram com o aumento dos preços do petróleo e do gás natural. De acordo com dados da Rosstat, seu lucro cresceu 2,2 vezes de 2005 a 2013. Enquanto isso, sua participação nos lucros no resultado financeiro total de todas as indústrias do país passou de 18,6% em 2005 para 22,7% em 2013 (SABITOVA; SHAVALEYEVA, 2015).

As receitas de petróleo e gás alimentam também o orçamento do governo federal. Em 2015, 30% das receitas orçamentárias consolidadas do Fundo de Reservas da Rússia e mais de 50% das receitas federais recaíam sobre a parcela das receitas de petróleo e gás. Assim, a participação das receitas de petróleo e gás obteve crescimento tanto nas receitas consolidadas, quanto nas federais. A título de comparação, em 2004, as receitas de petróleo e gás representavam 19,06% do total da receita consolidada e 30,19% do total da receita federal, já em 2014, o setor representou 31,77% e 51,28%, das receitas consolidada e federal, respectivamente. Abaixo, a Tabela 4 ajuda a entender melhor a evolução desses dados durante esse intervalo.

Tabela 4 – Participação das receitas de petróleo e gás nas receitas consolidada e federal

Year	Consolidated revenues, billion Rubles	Federal revenues, billion Rubles	Oil and gas revenues:		
			Billion Rubles	% of consolidated revenues	% of federal revenues
2004	5 429.89	3 428.87	1035.11	19.06	30.19
2005	8127.09	5127.23	2162.1	26.60	42.17
2006	10076.22	6278.89	2943.54	29.21	46.88
2007	12609.58	7781.12	2897.37	22.98	37.24
2008	15474.71	9275.93	4389.43	28.37	47.32
2009	13264.37	7337.75	2983.96	22.50	40.67
2010	14842.76	8305.41	3830.67	25.81	46.12
2011	19011.89	11367.65	5641.77	29.67	49.63
2012	20920.06	12855.54	6453.18	30.85	50.20
2013	21185.06	13019.94	6534.04	30.84	50.18
2014	23402.29	14496.83	7433.81	31.77	51.28

(Tesouro Nacional da Rússia, apud Sabitova e Shavaleyeva, 2015)

Em suma, para Sabitova e Shavaleyeva (2015), a economia russa como um todo depende das receitas do petróleo e do gás, à medida que seus preços crescem. Isso tem duplo significado. Por um lado, os russos apresentaram crescimento, visto que suas receitas orçamentárias cresceram, devido à indústria de petróleo e gás, o que pode ser benéfico para o país. Por outro lado, a dependência de petróleo e gás resultou em outras indústrias subdesenvolvidas ou até mesmo não desenvolvidas, o que seria negativo em termos de diversificação da economia nacional e mitigação de riscos (SABITOVA; SHAVALEYEVA, 2015). Assim, como os preços do petróleo baixaram de 2014 a 2016, essa queda afetou negativamente a economia russa e pode afetar negativamente as perspectivas futuras do país com novas quedas dos preços dessas matérias primas. (SABITOVA; SHAVALEYEVA, 2015).

Assim sendo, com as novas crises da década de 2010 e a sua consequente estagnação econômica, o governo russo passou a buscar uma diversificação da sua pauta de exportações e de sua economia em geral, no intuito de diminuir a sua dependência do setor de óleo e gás. Certos aspectos parecem, de fato, indicar para uma gradual dinamização e diminuição da importância das commodities para a economia do país. Nesse sentido, a porcentagem de combustíveis (sobretudo petróleo e gás) em relação ao total de exportações da Rússia tem presenciado uma trajetória de diminuição nos últimos anos.

Nesse sentido, a partir de 2014, as receitas orçamentárias do governo russo passaram a depender gradualmente menos da taxa sobre o comércio de petróleo e gás

para os mercados internacionais. Com efeito, a participação das receitas oriundas dessas commodities sobre a receita total do governo baixou de 43% em 2015 para 39% em 2019 (MINISTERSTVO FINANSOV ROSSIYSKOY FEDERATSII, apud BEZERRA, 2020). Esse fato representa uma clara diminuição na importância desses recursos para os cofres do Estado.

Além disso, se, em 2013, produtos minerais compunham 70% do total das exportações russas, em 2017, essa cifra caiu para 58% (MIT, apud BEZERRA, 2020). Já em 2020, último ano da série histórica com dados disponíveis, a porcentagem de produtos minerais do total de exportações russas se manteve em torno de 50%, segundo dados do MIT (2022). A tabela abaixo (tabela 5) ajuda a interpretar melhor esses números. Os dados, apesar de ainda representarem a parcela majoritária das exportações, indicam, ao mesmo tempo, que há em andamento um movimento no sentido de reorientar gradualmente o perfil do comércio exterior da Rússia.

Tabela 5

Anos	Porcentagem dos produtos minerais no total das exportações russas
2013	70%
2017	58%
2021	50%

(MIT, 2022)

Segundo dados do Banco Mundial (ver Tabela 6 abaixo), a porcentagem das exportações de combustíveis em relação às exportações totais da Rússia, em 2017 / 2018, últimos anos com informações disponíveis, retomou os níveis observados durante o começo do século, em torno de 50% (Banco Mundial, 2022). Esse fato mostra uma diminuição (apesar de lenta) da importância das commodities para a pauta exportadora do país. Além disso, os russos passaram a investir em um processo de “substituição de importações”, com o objetivo de desviar-se dos efeitos das sanções dos países ocidentais, as quais, de acordo com especialistas “resultaram numa clara mudança em direção a uma maior dependência de recursos domésticos - ou 'russificação' – por um lado, e a uma política econômica mais multidirecional, enfatizando relações mais estreitas com países não Ocidentais” (CONNOLLY, apud BEZERRA, 2020, p. 211).

Tabela 6

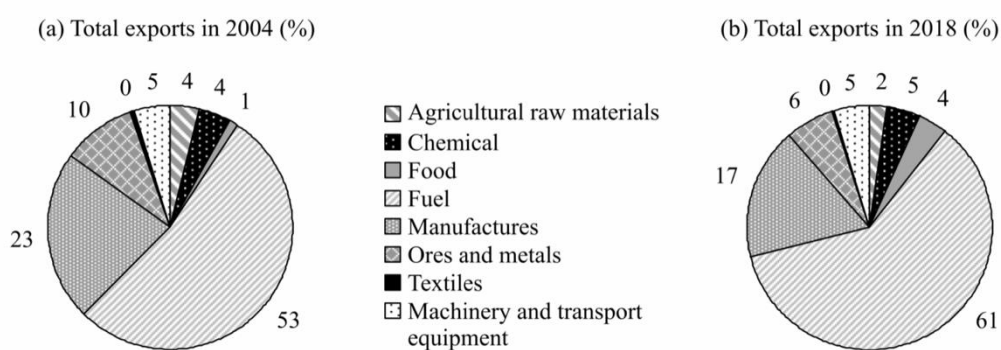
Exportações de combustíveis/Exportações Totais da Rússia (em %)						
ANO	2000	2004	2008	2012	2015	2017
%	50	54	65	71	63	50

(Banco Mundial, apud Bezerra, 2020)

Ainda dissertando sobre a busca de mudanças de paradigmas econômico-comerciais pela Rússia, vale destacar o estabelecimento de relações mais próximas com países não-ocidentais. Como maior exemplo, pode-se mencionar a assinatura, ainda em 2014, por parte de Rússia e China, de um contrato de comercialização de gás natural no valor de 400 bilhões US\$. (BEZERRA, 2020). Segundo consta na redação do tratado, Moscou fornecerá cerca de 38 bilhões de m³ de gás por ano ao mercado chinês, por meio do gasoduto Power of Siberia (Poder da Sibéria), cujo início de fornecimento se deu em dezembro de 2019 (GAZPROM, apud BEZERRA, 2020). Mais informações sobre a aproximação com a Ásia serão mencionadas no próximo capítulo.

Entretanto, se no quesito de parcerias comerciais, a Rússia conseguiu mudar algumas de suas perspectivas, em relação à sua pauta de exportações, o país obteve muito poucas mudanças e diversificação. Durante o período 2004-2018, a composição do total de exportações e importações de bens não mudou significativamente. No que se refere às exportações, os combustíveis representaram 61% do total exportado em 2018 (53% em 2004), seguidos pelos manufaturados, com 17%; minérios e metais, a 6%; máquinas e equipamentos de transporte e produtos químicos, com 5% cada, em 2018; os respectivos números para 2004 foram 23%, 10%, 5% e 4% (TARASENKO, 2021). As exportações de matérias-primas agrícolas diminuíram de 4% em 2004 para 2% em 2018 (Figura 13).

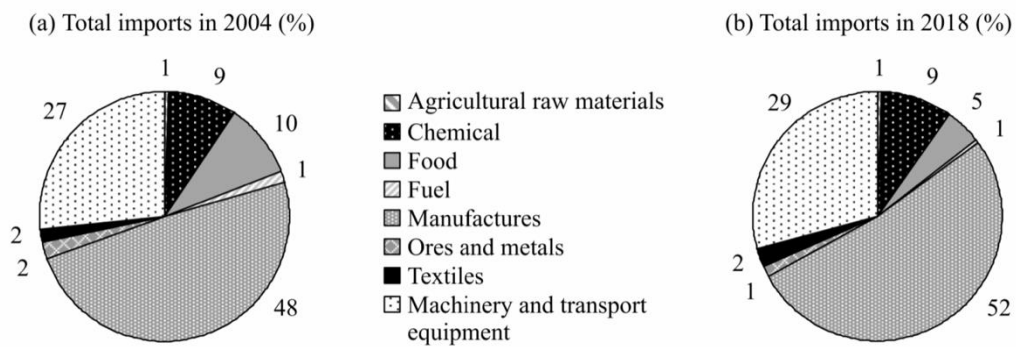
Figura 13 – Comércio de mercadorias da Rússia (exportações), 2004 e 2018



(WITS, apud Tarasenko, 2018)

Em relação às importações, a participação dos manufaturados aumentou de 49% para 52% e a participação das importações de máquinas e equipamentos de transporte de 26% para 29% em 2004 e 2018, respectivamente (Figura 14) (TARASENKO, 2021). As importações de produtos químicos permaneceram inalteradas, em 9%; enquanto o peso das importações de alimentos diminuiu 5 pontos percentuais, de 10% em 2004 para 5% em 2018 (TARASENKO, 2021).

Figura 14 - Comércio de mercadorias da Rússia (importações), 2004 e 2018



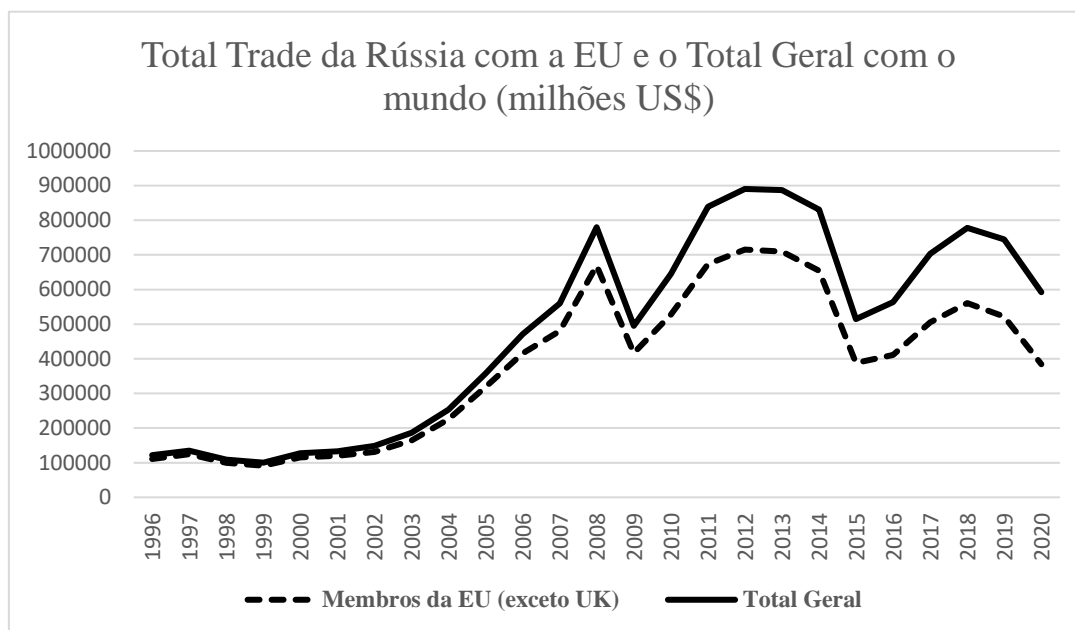
(WITS, apud Tarasenko, 2018)

Capítulo 2

As Relações da Rússia com seus Principais Parceiros Comerciais

I. As relações comerciais com os europeus nas últimas décadas

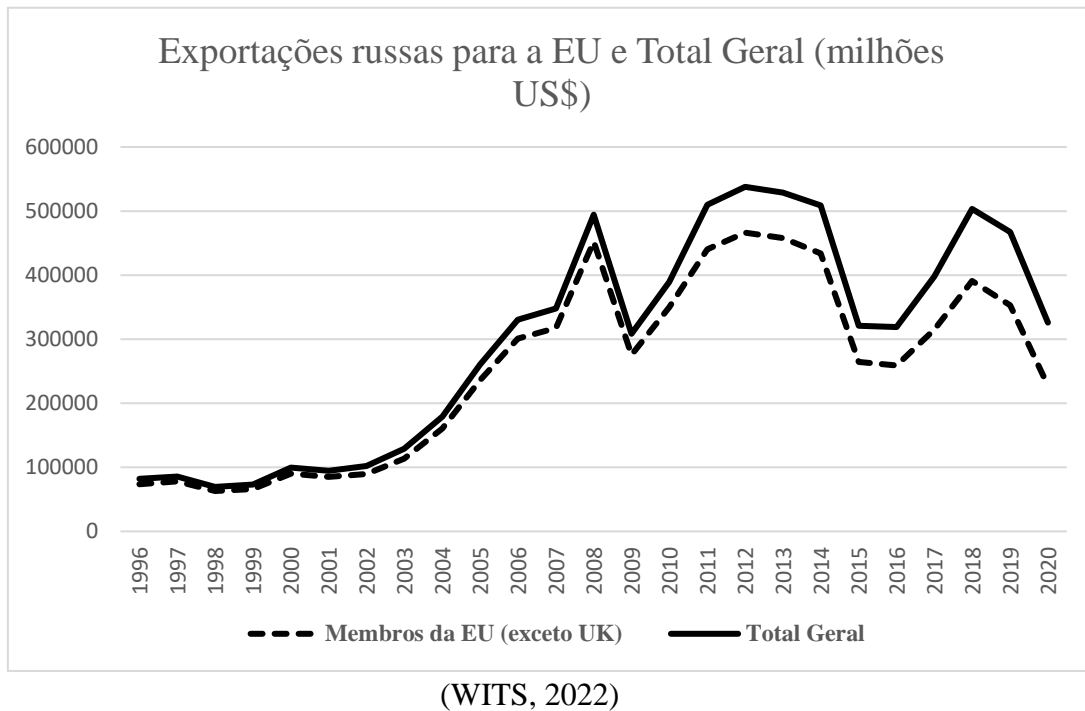
Figura 15



(WITS, 2022)

Como pode ser observado no gráfico acima (Figura 15), os principais parceiros comerciais dos russos são países membros da União Europeia. De maneira disparada, os valores de comércio total da Rússia com a União Europeia são maiores que as outras regiões do globo terrestre, já que, a UE sozinha representa quase que a totalidade do comércio total dos russos. Esse fato pode ser evidenciado por meio da leitura do gráfico acima, que mostra a grande aproximação dos números entre os membros da UE e o total geral comercializado com o mundo. As curvas, inclusive, chegam a ser muito semelhantes, o que prova a grande contribuição da UE no comércio total da Rússia com países estrangeiros.

Figura 16

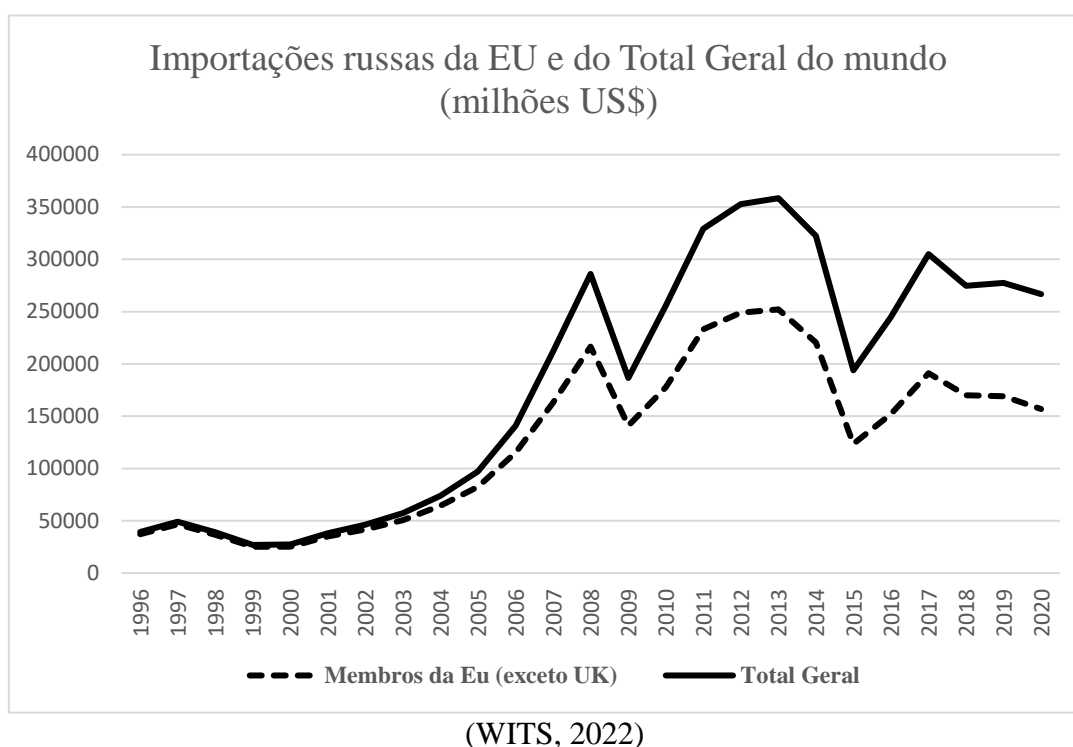


Quando se passa a analisar por meio da separação entre exportações e importações, a contribuição dos países europeus para o comércio russo torna-se ainda mais interessante. Ao manter sob foco apenas as exportações, a colaboração dos países da União Europeia salta aos olhos. No caso dos produtos exportados pela Rússia, a UE representa praticamente a totalidade do comércio.

Há momentos no gráfico acima (Figura 16) em que os valores das exportações russas para a UE chegaram a ser quase os mesmos das exportações totais da Rússia. Nos anos 2000, as curvas do gráfico praticamente se sobrepõem, o que representa a grande aproximação dos valores exportados para países europeus com os valores de exportações para todo o mundo.

Entretanto, a partir dos anos 2010, essas curvas começaram a se distanciar, mesmo que ainda pouco. Esse maior distanciamento pode ser explicado por um fator: a aproximação russa com a Ásia, que será melhor explicado na última sessão deste capítulo.

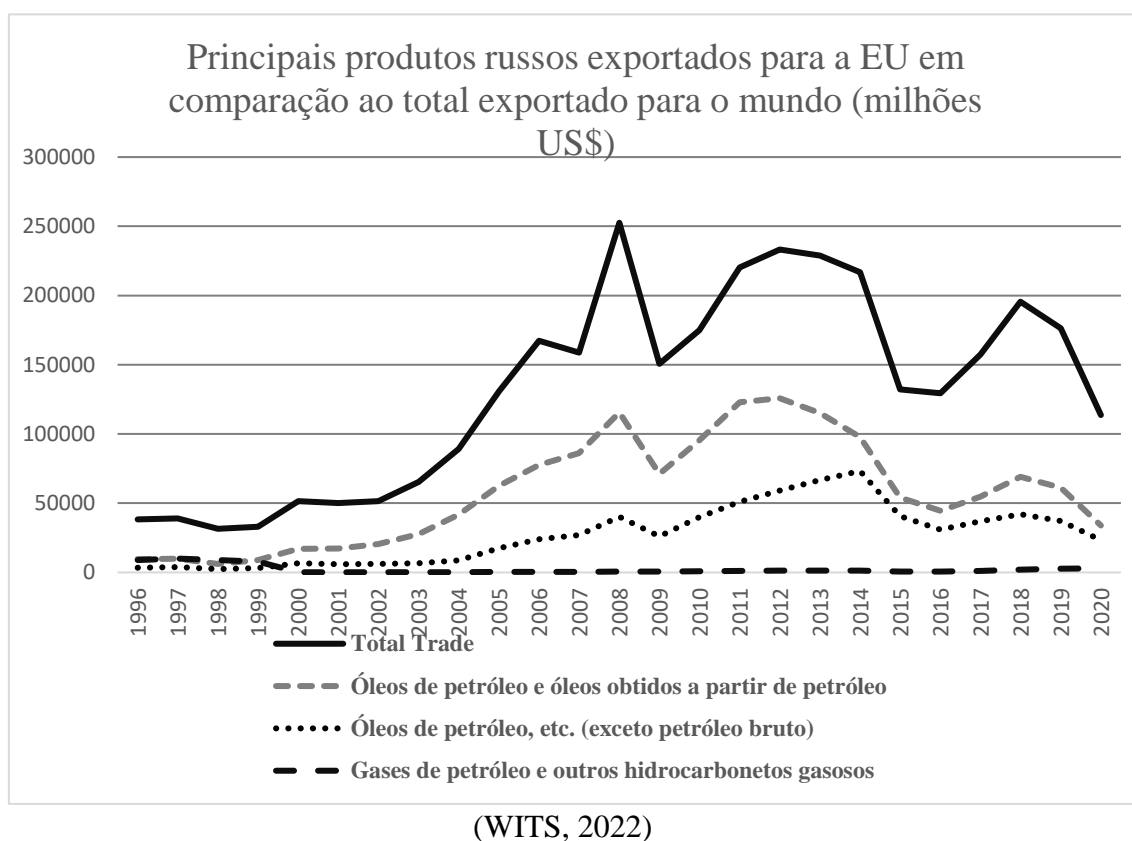
Figura 17



Quando se foca a análise para as importações, os valores entre a UE e o mundo todo já começam a se distanciar um pouco nos anos 2000 e passam a ficar ainda mais distantes na década seguinte, como poder ser visto na Figura 17. Mais uma vez, esse distanciamento tem uma explicação: a aproximação comercial com a Ásia e, principalmente, com a China, que será abordada mais a frente. Um detalhe interessante, ao comparar os dados das exportações com os das importações, é o fato do afastamento das curvas ser um pouco mais acentuado no caso das importações do que na circunstância das exportações. Esse ponto também pode ser explicado: a aproximação com os países asiáticos e, principalmente com os chineses, vem focando mais nas importações do que nas exportações. Isso faz total sentido, já que a China, por exemplo, é um país com industrialização amplamente desenvolvida e que exporta, em grande volume, produtos de maior valor agregado, justamente as categorias que a Rússia necessita.

A partir de agora, se deve focar a análise no perfil desse comércio da Rússia com a União Europeia. Em outras palavras, quais são os tipos de produtos comercializados entre as duas partes. Assim, o gráfico abaixo (Figura 18), mostra os principais produtos russos exportados para países membros da UE, em comparação com o total exportado para o mundo. Como pode ser visto, os principais produtos são óleos de petróleo e gás natural, com os primeiros representando a grande maioria do comércio entre russos e europeus. O que chama mais a atenção é o fato das exportações de petróleo russo para países europeus representarem, sozinhas, a maioria das exportações russas para países estrangeiros no geral. Fica claro, portanto, que o comércio exterior da Federação Russa gira em torno das exportações de petróleo para a Europa.

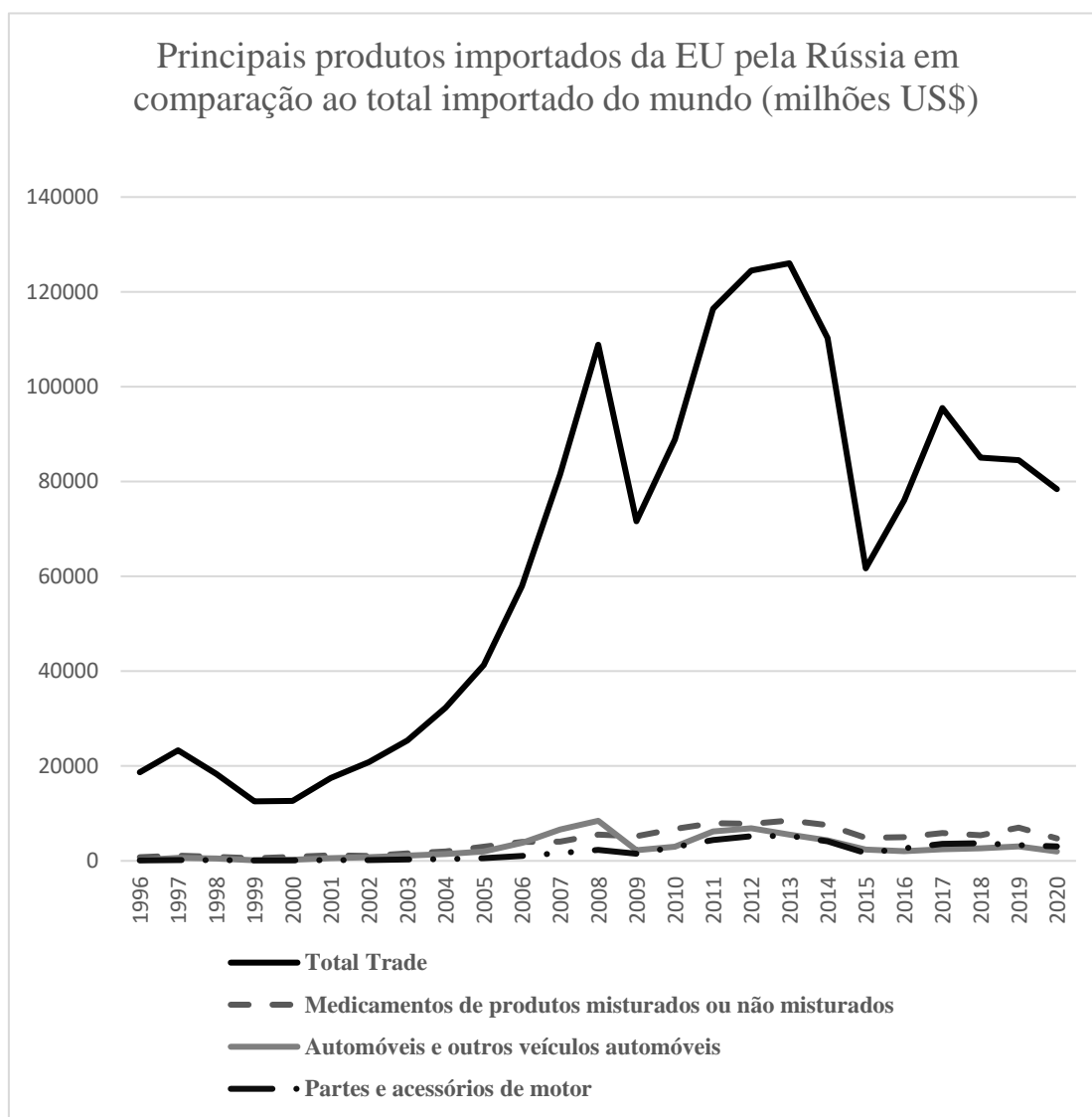
Figura 18



Ao analisar especificamente o caso das importações, a situação se transforma completamente. Como evidencia o gráfico abaixo (Figura 19), quando o assunto são as importações da UE pela Rússia, os números dos principais produtos importados se tornam muito mais baixos, quando comparados ao total das importações do mundo. Uma possível interpretação para isso é a combinação de dois fatores: 1) a pauta de importações russas é muita mais diversificada do que a pauta de exportações, ou seja, os russos importam muito mais variedades de produtos do que exportam; e 2) no caso das importações, os parceiros comerciais europeus têm menos relevância para os russos, quando comparados com o resto do mundo, ou seja, os russos importam grandes quantidades de produtos de outros parceiros além da UE.

Outro fato que não pode passar despercebido nesta análise são os tipos de produtos importados da UE. Enquanto, no caso nas exportações, são matérias-primas sendo vendidas em grandes quantidades, no caso das importações, são produtos industrializados e com maior valor agregado sendo comprados. Em resumo, nas relações comerciais com os europeus, a Rússia vende matérias-primas e compra manufaturados.

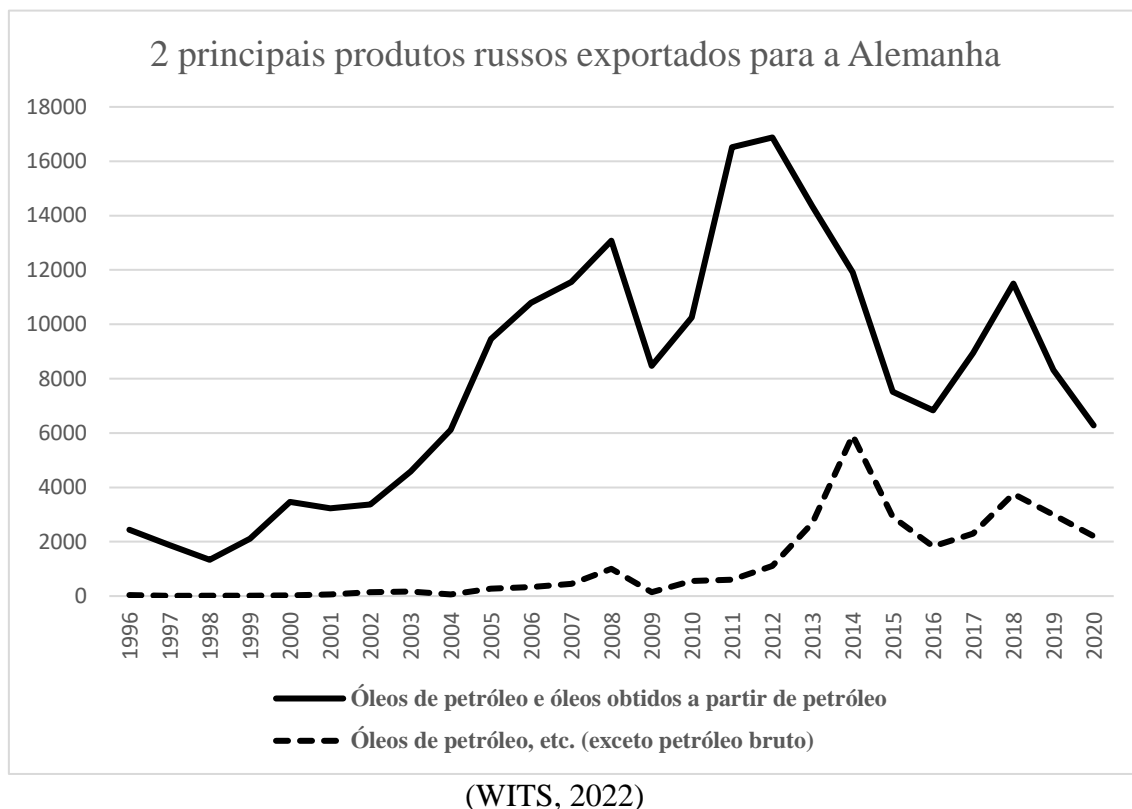
Figura 19



(WITS, 2020)

II. O caso da Alemanha: dependência escancarada?

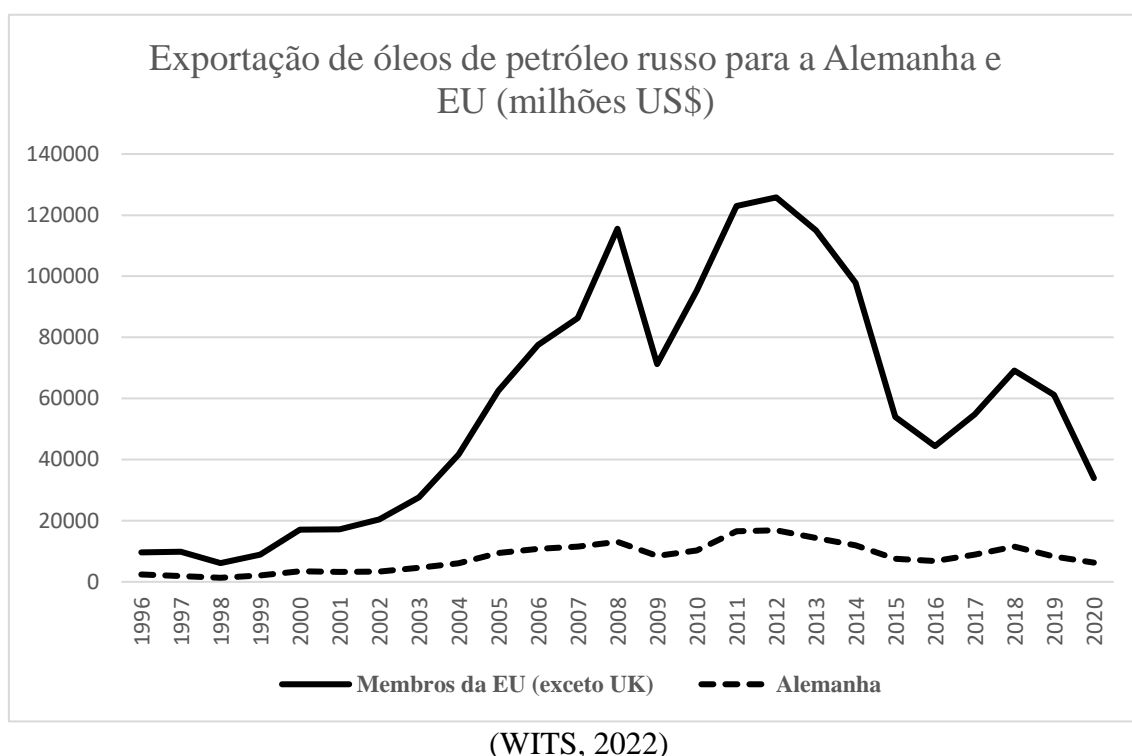
Figura 20



O gráfico acima traz uma pergunta à tona: seria a Alemanha dependente das commodities de origem russa? A partir da leitura da Figura 20, infere-se que, apesar de o caso do gás natural estar muito em voga, os produtos que a Alemanha mais importa da Rússia, de maneira disparada, são os óleos de petróleo.

Para se ter melhor noção de diferença do segundo colocado para o terceiro, que são os gases de hidrocarbonetos, vale mencionar uma ressalva. Não valeria a pena colocar a curva representando os valores dos gases de petróleo, pois ela seria colocada praticamente no valor de zero, ou muito próximo a ele, durante toda a série cronológica do gráfico acima. De maneira resumida, mesmo sendo o terceiro lugar e obtendo valores muito altos, o comércio de gás natural é muito menor que o comércio de petróleo entre Rússia e Alemanha. Assim, fica claro que a Alemanha compra, e muito, o petróleo russo.

Figura 21

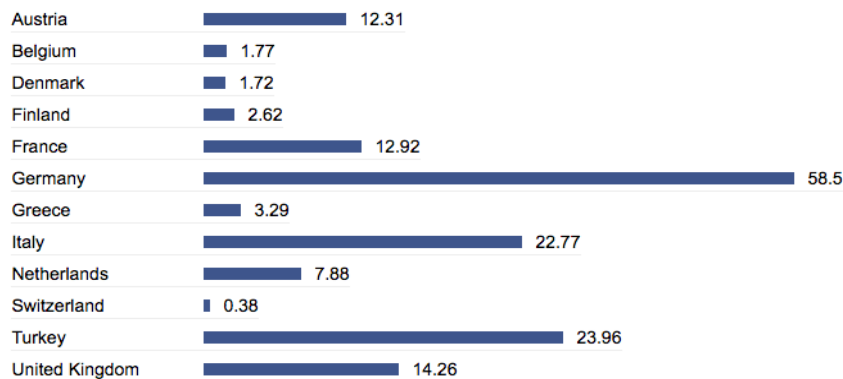


Quando comparamos os valores de óleos de petróleo russos exportados para a União Europeia como um todo com os valores apenas para a Alemanha, percebemos que há muita diferença entre eles, principalmente no período a partir de 2003. Essa diferença pode ser vista no gráfico acima (Figura 21). O que fica claro a partir da leitura dos dados acima é que, mesmo importando gás russo em enormes quantidades, a Alemanha sozinha não pode ser declarada como a principal compradora do petróleo russo, pois ela, quando comparada a toda a União Europeia junta, apresenta valores muito abaixo do total.

Entretanto, no caso do gás natural, as circunstâncias mudam, e muito. Como pode ser visto a seguir, a Alemanha pode ser sim considerada a maior importadora de gás russo. Nas últimas décadas, os alemães vêm investindo de maneira intensa em modificar e diversificar suas matrizes energéticas. Com uma nova política em vigor, a energia nuclear deixou de ser uma de suas principais fontes energéticas, como era até o passado recente. Essa mudança na diretriz da agenda alemã levou o país a uma maior dependência de outras matrizes como, por exemplo, o gás natural (Federal Ministry For Economic Affairs and Energy, apud BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019). A Figura 22 ilustra muito bem a maior importação de gás natural russo pela Alemanha, no ano de 2018, com uma grande diferença para os países vizinhos.

Figura 22 – Percentual de consumo de gás natural russo por países da Europa

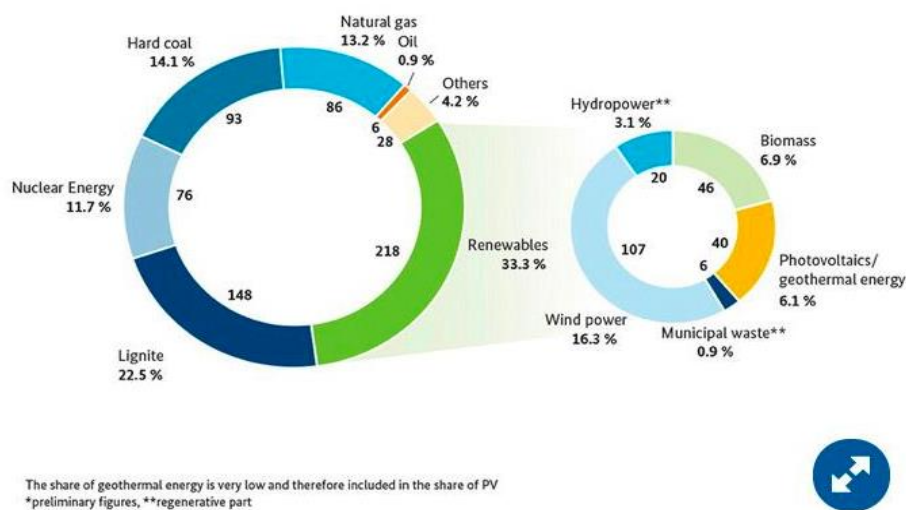
The Western European market (including Turkey) consumes the bulk of Russian exports. In 2018, Gazprom Export delivered **162.39** billion cubic meters of gas to markets in the region. The largest importers are Germany, Turkey, Italy, United Kingdom and France.



(GAZPROM, apud Barros, Magalhães, Maia, 2019)

Por consequência dessa mudança de sua política de energia, ao abandonar, de forma gradativa, as fontes energéticas provenientes das usinas nucleares, os alemães são considerados um dos maiores importadores do recurso natural russo, uma vez que, mesmo investindo de maneira crescente em energias renováveis, o gás natural ainda ocupa uma grande porcentagem das matrizes energéticas alemãs, se comparado com outros países da europeus (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019). Por conta disso, os alemães mantiveram relações comerciais com os russos, agindo de maneira antagônica às políticas de sanção da União Europeia contra a Rússia a partir de 2014 (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019).

Figura 23 – cotas percentuais das fontes energéticas da Alemanha em 2019



(Barros, Magalhães, Mais, apud BMWI, 2019)

Ao observar o gráfico acima (Figura 23), percebe-se que há, de fato, uma diversidade nas matrizes energéticas alemãs. No entanto, como pode ser visto, o percentual de gás natural nas matrizes energéticas alemãs é considerável (13,2%). Ou seja, mesmo seguindo uma política de utilização de matrizes energéticas renováveis, a Alemanha ainda depende de gás natural (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019). Por conta disso, o país passa a ser mais dependente do gás russo do que outras grandes potências europeias (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019).

Como visto na tabela abaixo (Figura 24), a Alemanha, ao ser comparada com outras potências europeias, possui maior porcentagem em suas importações de petróleo e de gás natural russos. Ao comparar os alemães com franceses, por exemplo, percebe-se uma clara porcentagem maior de importações pelo lado alemão. De 50% - 75% na troca comercial com os alemães para 0% - 25% na troca comercial com franceses (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019).

Figura 24— cotas percentuais da participação da Rússia nas importações de países europeus, no primeiro semestre de 2018

Share of Russia in national extra-EU imports of each Member State, first semester 2018
(share (%) of trade in value)

Country	Share (%) of Russia in national extra-EU-28 imports	
	Petroleum oils	Natural gas
Belgium	25-50	0-25
Bulgaria	75-100	75-100
Czechia	50-75	75-100
Denmark	0-25	0-25
Germany	25-50	50-75
Estonia	75-100	75-100
Ireland	0-25	0-25
Greece	0-25	50-75
Spain	0-25	0-25
France	0-25	0-25
Croatia	25-50	0-25
Italy	0-25	25-50
Cyprus	0-25	0-25
Latvia	0-25	75-100
Lithuania	50-75	50-75
Luxembourg	0-25	0-25
Hungary	50-75	75-100
Malta	0-25	0-25
Netherlands	25-50	25-50
Austria	0-25	75-100
Poland	50-75	75-100
Portugal	0-25	0-25
Romania	25-50	75-100
Slovenia	0-25	75-100
Slovakia	75-100	75-100
Finland	75-100	75-100
Sweden	25-50	0-25
United Kingdom	0-25	0-25

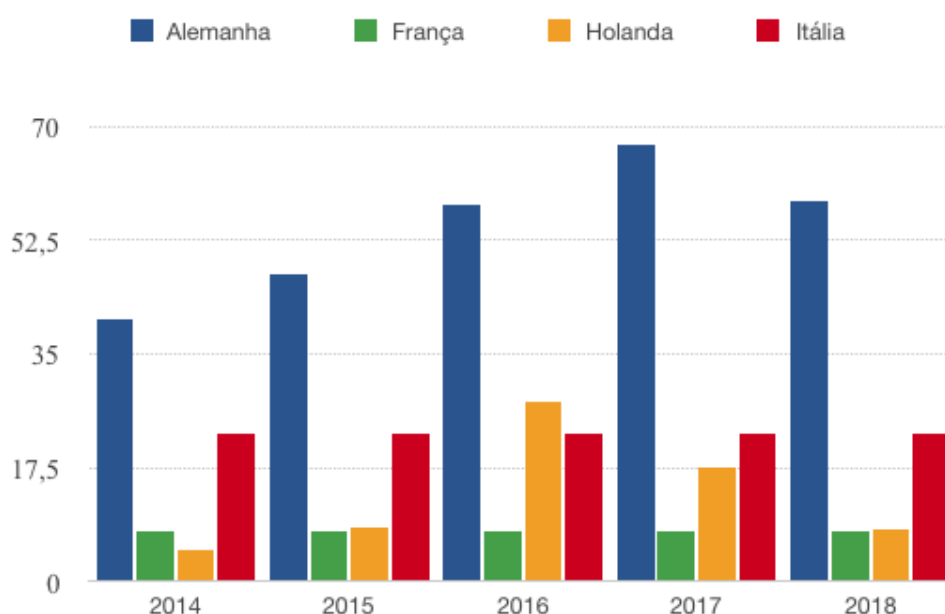
Source: Eurostat database (Comext) and Eurostat estimates

(Eurostat, apud Barros, Magalhães, Maia, 2019)

Para medir os diferentes graus de dependência, coletaram-se dados do volume de importação do gás natural russo de quatro atores distintos, entre os anos de 2014 a 2018, sendo eles a Alemanha como mais dependente dessa fonte energética e França, Holanda e Itália com menor dependência (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019). França, Holanda e Itália tornaram-se objeto de comparação, pois tais Estados são umas das maiores economias da Europa (MGM Research, apud BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019), sendo os franceses a segunda maior, os italianos a quarta e os holandeses a sétima maior economia da Europa. O Reino Unido, apesar de ser uma grande economia, foi descartado da análise, porque possui uma moeda diferente do bloco europeu (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019).

Para a comparação da dependência entre os Estados, foram usados os dados da empresa russa GAZPROM, para que fosse possível estruturar um gráfico para melhor analisar a diferença entre os países (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019). Como visto na figura a seguir (Figura 25):

Figura 25 – importações de gás russo por alguns países europeus, no intervalo de 2014 a 2018



(Barros, Magalhães, Maia, apud GAZPROM, 2019)

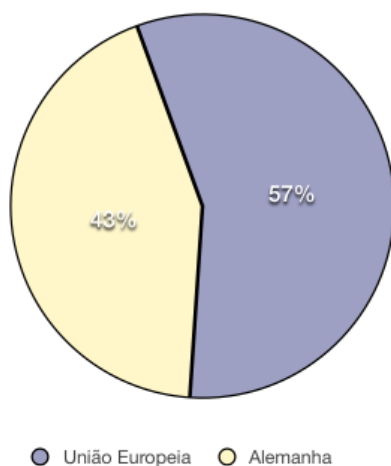
O ano de 2014 foi tomado como base para essa análise pelo fato de que foi nesse período que as sanções europeias tiveram seu início, em razão da invasão da Crimeia pela Rússia (CONSELHO EUROPEU, apud BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019). Dessa forma, o gráfico possui o objetivo de exemplificar como essa dependência foi observada no intervalo entre 2014 e 2018. No ano de 2014, podem-se observar os altos níveis de importação da Alemanha, de aproximadamente 40 bilhões de metros cúbicos de gás natural russo, enquanto Itália, França e Holanda importaram, consideravelmente, menos. Esse comportamento manteve-se até 2017 (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019). Entre esses anos, a Alemanha aumentou sua importação em 26,8 bilhões de metros cúbicos de gás (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019).

Para realizar a análise em quantidade de dólares gastos com importações do gás russo entre a União Europeia e Alemanha nos anos de 2014 a 2017, foi elaborado um gráfico comparando esses dois atores. A partir dessa média entre os anos, foi possível perceber que a U.E importou, aproximadamente, \$16.096.317 em dólares (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, apud GAZPROM, 2019). Descartou-se da análise os países que não participam da zona euro, como também foram excluídos Chipre, Luxemburgo, Malta,

Portugal e Espanha, pois suas importações são muito baixas para entrarem no cálculo (GAZPROM, apud BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019).

Por outro lado, a Alemanha sozinha desembolsou \$12.336.520 em dólares neste mesmo período (GAZPROM, apud BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019). A partir dos cálculos efetuados, os quais consistiram na multiplicação de milhões de metros cúbicos pelo valor do milhão de metro cúbico por cada Estado comprador do gás russo, pode-se observar que a Alemanha apresenta um total de 43% das vendas do gás russo, se comparado com 13 países membros da União Europeia, excluindo os anteriormente já citados (BARROS, MAGALHÃES, MAIA, 2019). Como pode ser observado no gráfico a seguir (Figura 26):

Figura 26 – percentuais de venda do gás natural russo entre 2014 e 2017



(GAZPROM, apud Barros, Magalhães, Maia, 2019)

III. A Aproximação com a Ásia

Como mencionado anteriormente, nos últimos anos, o continente europeu tem, aos poucos, perdido espaço como a região do globo com maior parceria comercial com a Rússia. Esta sessão trata de desenvolver melhor esse argumento, ao buscar mostrar mais dados comerciais que evidenciem o gradual afastamento europeu, concomitante com a aproximação com o continente asiático.

Embora, se em 2013 a Europa concentrava cerca de 58% do total das exportações e importações da Rússia, em 2017 essa porcentagem caiu para 51%. Em paralelo, o

continente asiático saltou de 29% das exportações russas em 2013 para 36% em 2017, e de 32% para 38% das importações totais russas durante o mesmo período (MIT, apud BEZERRA, 2019). Já no ano de 2020, essa diferença entre as porcentagens ficou ainda menor. As exportações russas para a Ásia representaram 42% do total e as importações russas para o continente também representaram os mesmos 42% do total. Em relação ao continente europeu, as taxas foram de 49% para exportações e 50% para importações. Já o comércio total russo com a Europa, contando exportações e importações, chegou na casa dos 46% em relação ao total do comércio do país com o resto do mundo, enquanto o comércio com a Ásia chegou aos 39% aproximadamente (MIT, 2022). Portanto, pode-se notar uma gradativa aproximação da Rússia com os parceiros asiáticos, em paralelo ao seu gradual afastamento dos parceiros europeus. Esses dados podem ser melhor interpretados a partir da leitura das Tabela 7, 8 e 9, que se encontram abaixo.

Tabela 7 – Percentuais de exportação da Rússia nos anos de 2013, 2017 e 2020

Anos	Europa	Ásia
2013	58%	29%
2017	51%	36%
2020	49%	42%

(MIT, 2022)

Tabela 8 – Percentuais de importação da Rússia nos anos de 2013, 2017 e 2020

Anos	Europa	Ásia
2013	59%	32%
2017	52%	38%
2020	50%	42%

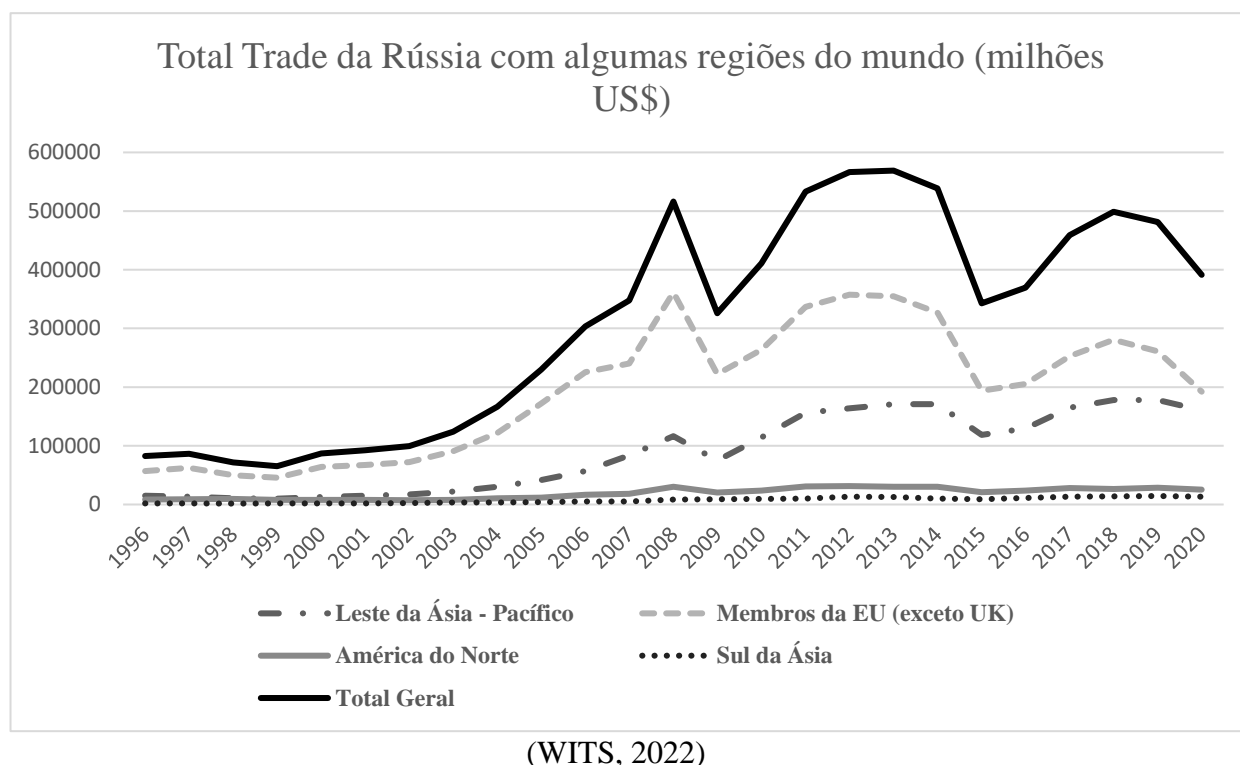
(MIT, 2022)

Tabela 9 – Percentuais do comércio total da Rússia nos anos de 2013, 2017 e 2020

Anos	Europa	Ásia
2013	58%	32%
2017	51%	36%
2020	46%	39%

(MIT, 2022)

Figura 27



Já a Figura 28 trata dos valores do comércio total da Rússia com algumas regiões do globo terrestre. Como pode ser notado por meio da leitura do gráfico, até os anos 2000, a grande parte do comércio total do país era com o continente europeu. A partir de meados de 2000 e, principalmente, da década de 2010, a participação da Ásia, principalmente do leste asiático, aumentou consideravelmente. Nesse processo, por consequência, a participação da Europa, em comparação ao comércio total, diminuiu, o que fez com que sua curva se distanciasse da curva de total trade. Ao mesmo tempo, a distância das curvas entre os países membros da União Europeia e o leste da Ásia também diminuiu de maneira considerável, alcançando quase a paridade no ano de 2020.

Um fato que deve ser ressaltado é que a tendência de aproximação com países asiáticos se dá desde os anos 2000 e se acentuou a partir da década de 2010, o que contradiz a narrativa, muitas vezes dominante, de que a Rússia apenas se aproximou do continente asiático após as sanções Ocidente em decorrência da crise política na Ucrânia, em 2014. Em outras palavras, os dados mostrados pelo gráfico evidenciam que essa aproximação comercial entre russos e asiáticos começou antes das tensões com o Ocidente, a partir da invasão da Crimeia, em 2014. Este fato apenas ajudou a consolidar a maior proximidade da Rússia com o Oriente, em paralelo ao gradual afastamento russo de seus, até então, mais tradicionais parceiros europeus.

A título de comparação, vale relacionar os dados de comércio internacional da Rússia entre anos de 2004 e 2018. Os principais mercados de exportação da Federação Russa foram os seguintes em 2004: Holanda (8%); Alemanha (7%); Itália (7%); Bielorrússia (6%) e Ucrânia (6%). Já em 2018, China (12%); Holanda (10%); Alemanha (8%); Bielorrússia (5%); e Turquia (5%) representaram os principais destinos das exportações russas (TARASENKO, 2021).

Quando o foco passa a ser as principais fontes de importação da Rússia, os parceiros passam a ser Alemanha (14%); Bielorrússia (9%); Ucrânia (8%); e China (6%) em 2004, e China (22%); seguida pela Alemanha (11%); Bielorrússia (5%); e os Estados Unidos (5%) em 2018. O que se pode perceber, tanto em exportações, quanto em importações, é o aumento da participação chinesa no comércio exterior da Rússia na última década (TARASENKO, 2021). Esses dados podem ser melhor analisados a participação da Tabela 8 abaixo.

Tabela 8 – Percentuais de exportação e importação da Rússia em 2004 e 2018

Exportações em 2004	Exportações em 2018
Holanda 8%	China 12%
Alemanha 7%	Holanda 10%
Itália 7%	Alemanha 8%
Bielorrússia 6%	Bielorrússia 5%
Importações em 2004	Importações em 2018
Alemanha 14%	China 22%
Bielorrússia 9%	Alemanha 11%
Ucrânia 8%	Bielorrússia 5%
China 4%	EUA 5%

(WITS, apud Tarasenko, 2021)

Quando olhamos para o último ano, 2021, esse aumento da participação chinesa se mostra ainda mais evidente, o que representa uma grande tendência de aproximação comercial entre chineses e russos, que se mantém até a atualidade. Os chineses são os principais parceiros comerciais dos russos, tanto para exportações, quanto para importações. Com 13% do total das exportações e incríveis 21% do total das importações russas no ano de 2021 (WITS, 2022). A tabela abaixo ajuda na compreensão da mudança nas parcerias comerciais dos russos nos últimos anos. O crescimento da participação chinesa no comércio com a Rússia pode ser melhor evidenciado a partir da Tabela 10.

Tabela 10 – Percentuais da China no total de exportações e importações do comércio russo nos anos de 2004, 2018 e 2021

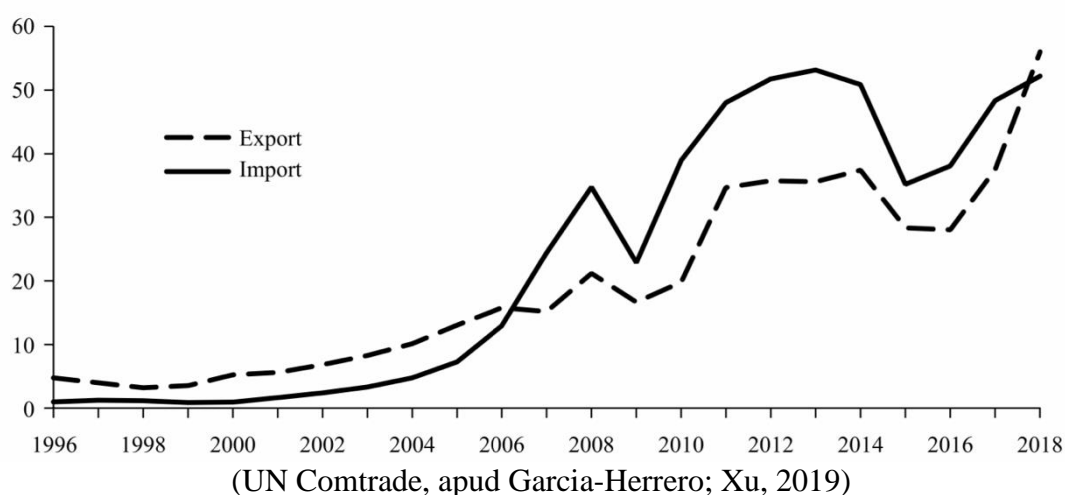
Anos	Exportações para a China	Importações da China
2004	5%	4%
2018	12%	22%
2021	13%	21%

(WITS, 2022)

A partir de agora, podemos focar o estudo mais especificamente na comparação entre as relações comerciais da Federação Russa tanto com a União Europeia, quanto com a China nas últimas décadas. Primeiramente, focaremos na evolução das relações comerciais com os chineses.

Na década de 1990, o comércio Rússia-China era relativamente pequeno, entretanto, a China era mais importante para a Rússia do que a Rússia para a China. De acordo com estatísticas chinesas, a Rússia recebeu apenas 1% do total de exportações da China e forneceu 2,8% do total de importações da China, enquanto, de acordo com estatísticas russas, a China recebeu 4,7% das exportações da Rússia e forneceu 3,3% das importações da Rússia (GARCIA-HERRERO; XU, 2019). Como mostra a Figura 28, a partir dos anos 2000, tanto as exportações, quanto as importações com a China cresceram muito em valores.

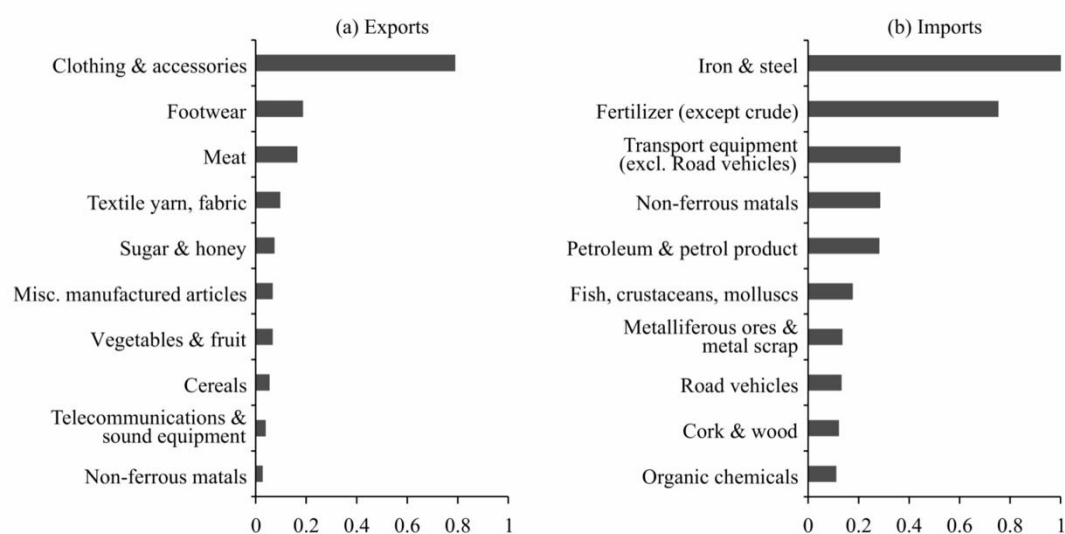
Figura 28 – Exportações e Importações da Rússia de e para a China (bilhões US\$)



Na década de 1990, devido à sua posição claramente mais avançada na produção industrial, a Rússia pôde exportar para a China uma ampla gama de bens, incluindo matérias-primas, especialmente petróleo e gás, ferro, aço, fertilizantes e metais não ferrosos, e capital - produtos intensivos como equipamentos de transporte e veículos rodoviários. As exportações da China para a Rússia, durante a mesma década, especializaram-se em produtos tradicionais de mão-de-obra intensiva, especialmente têxteis (GARCIA-HERRERO; XU, 2019). A Figura 29 ilustra bem essa relação comercial.

Figura 29

Top 10 exportações e importações chinesas para a Rússia, 1992–2000 (bilhões US\$)



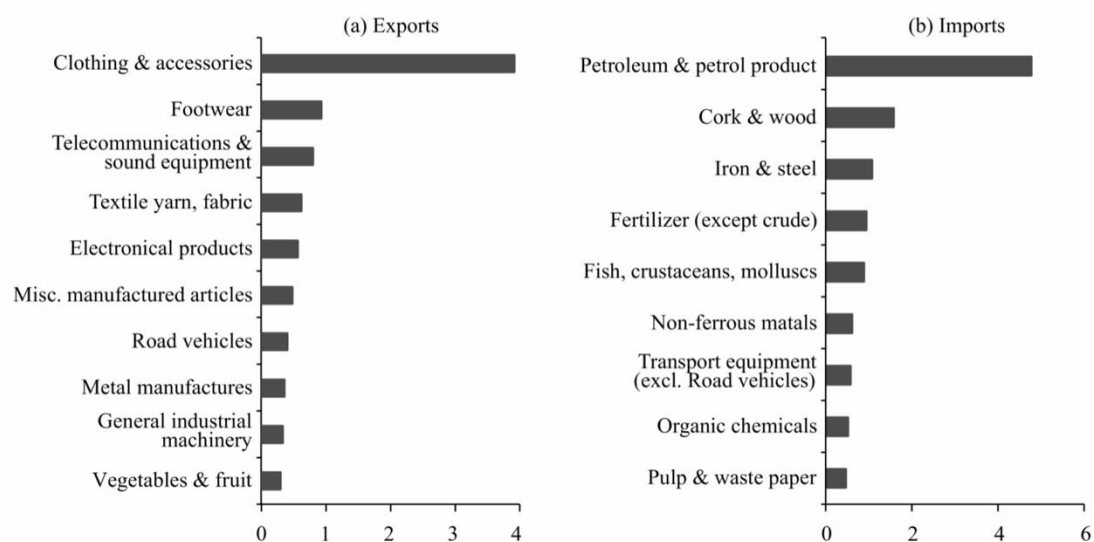
(UN Comtrade, apud Garcia-Herrero; Xu, 2019)

Entretanto, a partir de 2000, a China se tornou mais importante para a Rússia, passando de sexto maior parceiro comercial naquele ano para seu principal parceiro em 2018. Por sua vez, a Rússia tornou-se menos importante para os chineses desde 2007 e representou apenas 0,8% do comércio total do país asiático em 2018 (GARCIA-HERRERO; XU, 2019).

Indo além do comércio bruto para o valor agregado, a China subiu significativamente na escala tecnológica desde sua adesão à OMC. A maioria de suas exportações para a Rússia está agora em um nível de tecnologia mais alto do que no passado, incluindo máquinas e equipamentos de transporte, enquanto a participação de bens intensivos em mão-de-obra diminuiu (especialmente têxteis e calçados) (GARCIA-HERRERO; XU, 2019). Esses produtos de alta qualidade começaram a aparecer na lista dos 10 principais produtos exportados para a Rússia pela China logo após a sua adesão à OMC, (Figura 30). Na outra ponta do espectro, as exportações russas para a China continuaram a se concentrar em matérias-primas, especialmente petróleo e gás (Figura 30).

Figura 30

Top 10 exportações e importações chinesas para a Rússia, 2001-2007 (bilhões US\$)



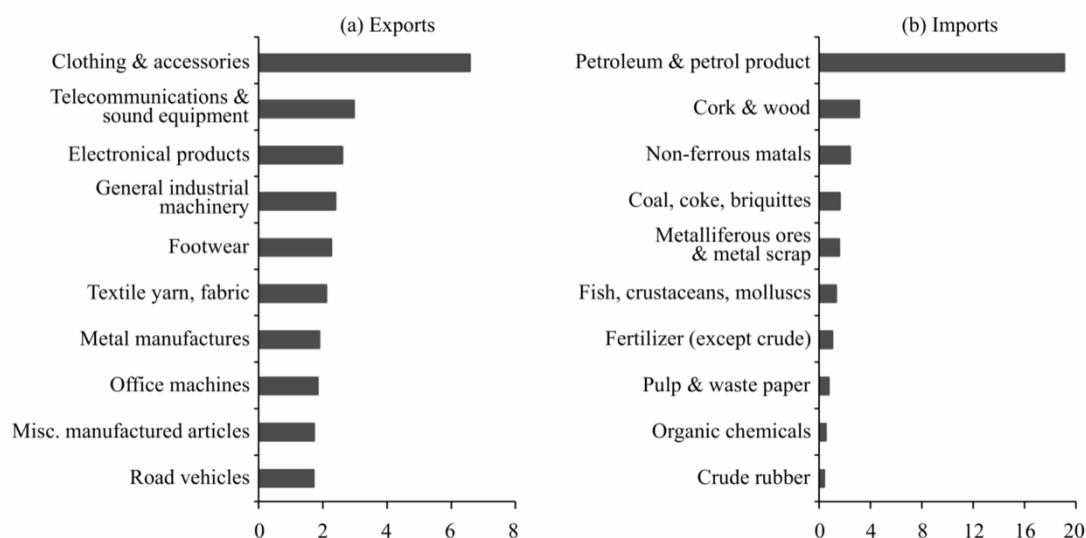
(UN Comtrade, apud Garcia-Herrero; Xu, 2019)

Embora alguns bens de capital intensivo permaneçam entre as 10 principais exportações da Rússia para a China, sua importância diminuiu significativamente. Este é especialmente o caso do setor automobilístico, que era a oitava maior categoria de

exportação para a Rússia antes de 2000, mas saiu da lista das 10 maiores após esse ano. Por sua vez, a China tornou-se gradualmente um importante fornecedor de automóveis para a Rússia (Figura 31).

Figura 31

Top 10 exportações e importações chinesas para a Rússia, 2008-2017 (bilhões US\$)



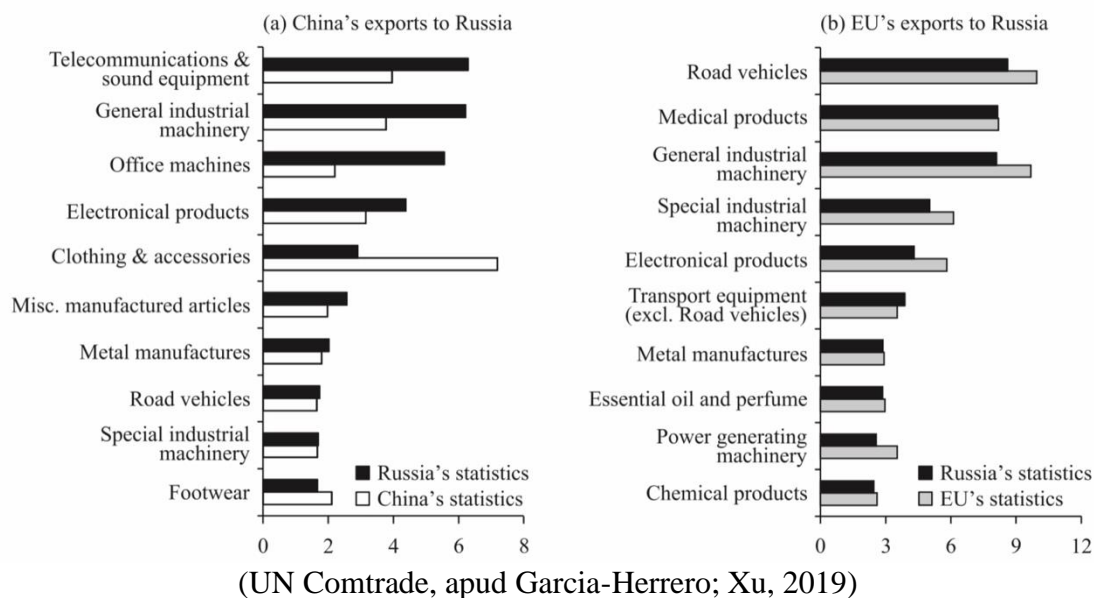
(UN Comtrade, apud Garcia-Herrero; Xu, 2019)

Ao analisar o contexto de evolução dos panoramas comerciais entre Rússia e China, percebemos que, atualmente, as trocas entre os russos e os chineses são muito parecidas com o comércio entre Rússia e países da União Europeia. Para Garcia-Herrero; Xu (2019), o aumento do comércio chinês com a Rússia representa claramente desafios para as empresas europeias. Em 1995, a UE era responsável por 40% do total de importações da Rússia, subindo para 53% em 2002 e caindo mais recentemente para aproximadamente o mesmo nível de 1995, 40%. No entanto, a participação da China nas importações da Rússia aumentou constantemente de menos de 3% para 21% (GARCIA-HERRERO; XU, 2019).

Quando falamos sobre os setores econômico-produtivos, metade dos 10 bens mais exportados da China e da UE para a Rússia se sobrepõem, incluindo produtos elétricos, máquinas gerais e especiais e veículos rodoviários (Figura 32). De acordo com as próprias estatísticas da Rússia, o valor total dos cinco grupos sobrepostos de produtos importados da China atingiu US\$ 16,01 bilhões em 2017, já mais da metade das importações equivalentes da UE-28 (US\$ 28,92 bilhões) (GARCIA-HERRERO; XU, 2019). Outro exemplo importante é o de telecomunicações e equipamentos de som, que é a categoria de produto mais exportada da China para a Rússia, mas está ausente da lista

das 10 principais exportações da UE para a Rússia. Esses dados podem ser melhor analisados a partir de Figura 32, que encontra-se abaixo.

Figura 32 – Exportações da China e da EU para a Rússia em 2017 (bilhões US\$)



Ainda, segundo os mesmos autores, as exportações chinesas são substitutos cada vez mais relevantes das exportações da UE no mercado russo, especialmente em setores de capital intensivo, como produtos eletrônicos (GARCIA-HERRERO; XU, 2019). Nesse sentido, a China vem incorporando uma parcela cada vez maior de sua produção doméstica nos bens finais que exporta. Isso também é verdade para as exportações da China para a Rússia, com o valor agregado doméstico aumentando de ligeiramente acima de 75% para mais de 80% de 2005 a 2015. Portanto, para os autores, essa evidência sugere que um aumento da cooperação econômica China-Rússia poderia ter um impacto negativo nas exportações europeias (GARCIA-HERRERO; XU, 2019).

Capítulo 3

A Crise com a Invasão Russa na Ucrânia e suas Implicações para o Comércio Internacional

I. Os possíveis efeitos das sanções ocidentais sobre a Rússia

O ataque militar da Rússia à Ucrânia, em fevereiro de 2022, levou outros países a impor um conjunto de sanções econômicas coordenadas contra os russos ainda a partir dos primeiros dias de conflito armado. As medidas visam limitar o comércio e as relações financeiras com a Rússia, penalizar os oligarcas russos por apoiarem o presidente Vladimir Putin e potencialmente paralisar a economia do país (PIIE, 2022). Todas essas ações têm o intuito de impedir Putin de continuar se envolvendo e, no futuro, de desenvolver novos atos de guerra. Mas a amplitude e a gravidade das sanções variam muito, e seus efeitos sobre a economia russa ainda estão se desdobrando, assim como as implicações relacionadas à atividade econômica em outros países (PIIE, 2022).

Dentre esse conjunto de ações tomadas contra a Rússia, destacam-se as sanções econômicas de grandes players internacionais como Estados Unidos, Reino Unido, Japão e União Europeia, esta última sendo tradicionalmente a maior parceira comercial dos russos (PIIE, 2022). Nesse contexto, vários atores internacionais impuseram sanções de cunho comercial, restringindo tanto exportações, quanto importações de vários produtos, além de restrições financeiras pesadas, como o banimento da Rússia do sistema SWIFT, por exemplo (PIIE, 2022).

Entretanto, ainda que muitos países, principalmente do Ocidente, tenham restringido em muito suas relações econômico-comerciais e financeiras com a Federação Russa, outros atores, inclusive de muita relevância, como a China, não demonstraram, pelo menos até o presente momento, que irão adotar medidas mais rígidas contra a barbárie promovida em território ucraniano (PIIE, 2022). Esse fato evidencia o aprofundamento de uma tendência anteriormente discutida: o gradual afastamento da Rússia das potencialidades ocidentais, juntamente com sua aproximação das potências asiáticas, principalmente com a China.

Nesse sentido, os caminhos que estão sendo desenhados em decorrência das sanções do Ocidente contra os russos, apenas aprofundam a deterioração das relações Rússia-Ocidente, pois afastam de maneira crescente os russos da esfera político-econômica ocidental e, ao mesmo tempo, contribuem para o realinhamento do país euro-

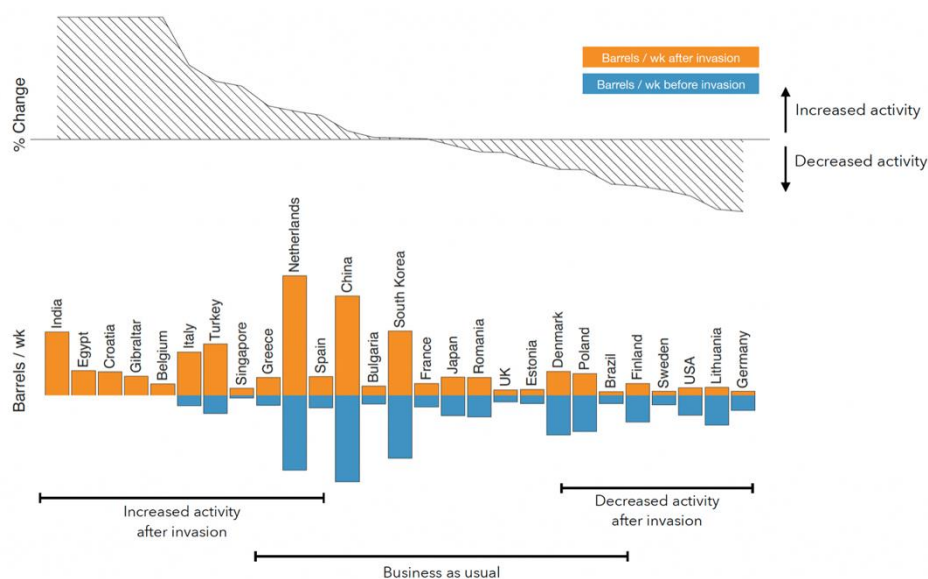
asiático com os atores emergentes da esfera oriental, como China e Índia, principalmente. Assim sendo, a partir desses acontecimentos, a Federação Russa passa a reorientar, de maneira mais evidente e exacerbada, suas relações de proximidade, tanto político-diplomáticas, quanto econômico-comerciais, em direção às potências asiáticas, em detrimento das potências europeias e norte-americanas.

Para além do realinhamento geopolítico, a discussão sobre os impactos econômicos desse novo cenário de restrições também deve ser analisada. Embora as sanções econômicas contra a Rússia não tenham precedentes, para Langot et al (2022), elas são claramente insuficientes, na medida em que a economia russa continua a desfrutar de um fluxo constante de receita das vendas de petróleo, gás e carvão. De acordo com o Eurostat, as importações de energia russa pela UE foram de cerca de 99 bilhões de euros em 2021 e representaram 62% das importações da Rússia (LANGOT et al., 2022). Com a guerra, o preço da energia disparou. Hoje, a UE paga à Rússia cerca de 640 milhões de euros por dia no comércio de petróleo e 360 milhões de euros no comércio de gás natural canalizado. Os autores comparam esses valores ao custo para a Rússia de um dia de guerra na Ucrânia, estimado em US\$ 650 milhões (LANGOT et al., 2022).

Nesse sentido, fica claro que a guerra russa na Ucrânia é financiada em grande parte pela exportação de petróleo. No atual contexto de guerra, os EUA, a UE, o Reino Unido e outros países intensificaram várias sanções ao grupo de liderança de Putin e sua economia, mas as receitas de exportação russas desde a invasão em 24 de fevereiro aumentaram: o volume de petróleo exportado aumentou, não caiu, e o preço mundial do produto está em alta (HOSOI; JOHNSON, 2022). Mais notavelmente, a UE compra 2,2 milhões de barris de petróleo e 1,2 milhão de barris de produtos petrolíferos da Rússia todos os dias (IEA, apud HOSOI; JOHNSON, 2022).

Há também uma corrida imprópria e moralmente terrível de alguns países europeus e asiáticos para aumentar suas compras de petróleo russo. De acordo com dados disponíveis, como mostrado na Figura 33, algumas nações que afirmam apoiar totalmente os ucranianos parecem ter aumentado significativamente suas compras de petróleo russo desde a invasão (HOSOI; JOHNSON, 2022).

Figura 33 – Países que importam petróleo russo



(Hosoi; Johnson, 2022)

Segundo Langot et al. (2022), a dependência energética da UE em relação à Rússia é o seu calcanhar de Aquiles e é a alavanca econômica mais poderosa da Rússia. Para os autores, esse cenário deve parar de existir.

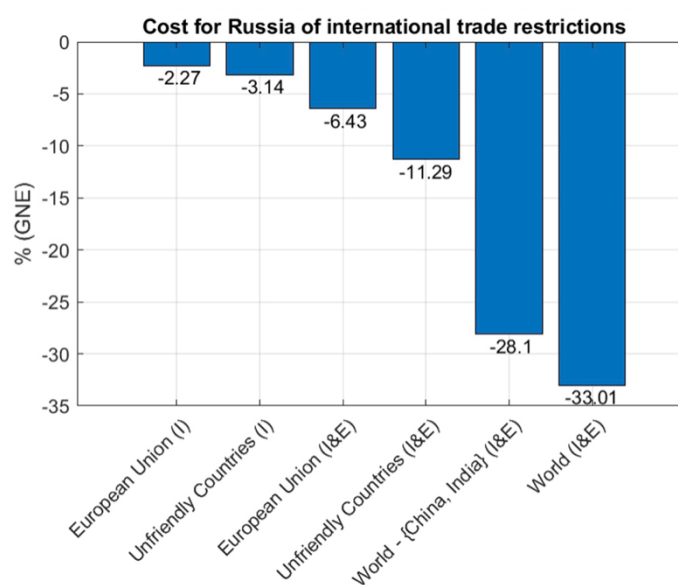
Evidências maciças de crimes de guerra no norte e leste da Ucrânia estão reorganizando os alinhamentos econômico-comerciais e pressionando os países da UE a se livrarem da energia russa. Em 8 de abril, a UE adotou seu quinto pacote de sanções contra a Rússia, incluindo a proibição de carvão e combustíveis fósseis sólidos (PIIE, 2022). Mas a relutância em impor um embargo mais rigoroso à energia russa baseia-se na ideia de que não haveria alternativa à ela para empresas e famílias nos países da UE. Essa dependência energética resultaria em um custo muito elevado para a UE e potencialmente superior ao suportado pela Rússia.

Entretanto, para os autores: “Essa visão extrema negligencia as possibilidades de substituição nos diferentes estágios da atividade econômica e resultaria em uma diminuição na produção estritamente igual à quantidade de energia perdida.” (LANGOT et al., 2022). Segundo Langot et al. (2022), substitutos energéticos podem ser encontrados por empresas, ou bens intermediários que não usam energia (ou são menos intensivos em energia) também podem ser oferecidos por novos fornecedores. Além disso, a demanda do consumidor pode se deslocar para outros bens se esse bem baseado em energia se tornar muito caro ou não atender mais às necessidades (LANGOT et al., 2022).

Nesse sentido, os autores buscam analisar o custo das sanções comerciais para a Rússia. A intensidade das sanções varia de acordo com o número de países que as aplicam e se afetam apenas as importações ou ambas as importações e exportações. Nessa perspectiva, Langot et al consideram seis cenários diferentes. Os dois primeiros dizem respeito apenas às importações e focam num embargo por parte da UE e de países “hostis” à Rússia. Nesses dois primeiros cenários, os autores assumem um embargo estrito a todas as importações da Rússia (incluindo energia). Os últimos quatro cenários envolvem importações e exportações, ou seja, uma exclusão total das relações comerciais com a Rússia para os países por meio das sanções.

Em comparação com os dois primeiros cenários, estes são mais realistas, pois também levam em consideração as restrições de exportação que fazem parte do pacote de sanções (LANGOT et al., 2022). Por exemplo, o quinto conjunto de medidas restritivas contra a Rússia proíbe a exportação de muitos produtos de alta tecnologia dos quais a Rússia é altamente dependente, como computação quântica, semicondutores avançados ou maquinário sensível. A Figura 34 representa o custo das restrições comerciais para a Rússia nos seis cenários.

Figura 34 - Custos de restrições ao comércio internacional para a Rússia (% do GNE)



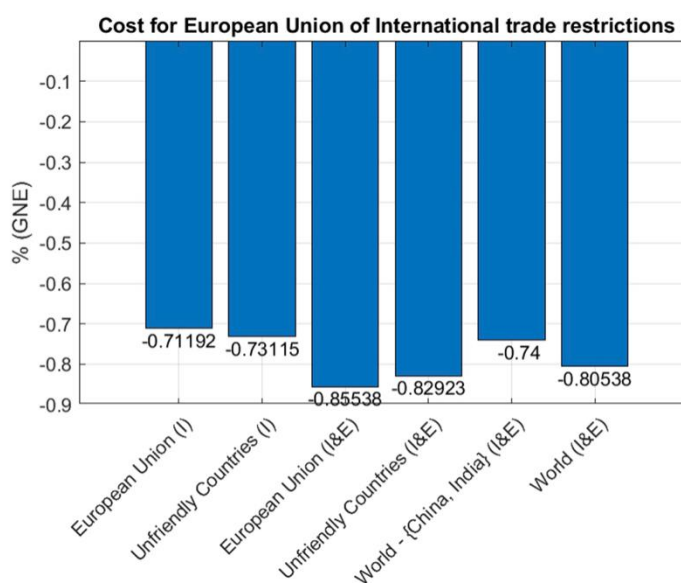
(Langot et al., 2022)

Por meio da leitura do gráfico acima, pode-se afirmar que, quando as sanções dizem respeito apenas às importações e são tomadas ao nível da UE, o GNE diminui 2,27%, enquanto que, quando dizem respeito tanto às importações, quanto às exportações,

a receita nacional diminui 33%. O custo para a Rússia é, portanto, 14 vezes maior. Este último cenário é obviamente irreal, mas mostra que a coordenação internacional é muito importante (LANGOT, et al, 2022). No quadro mais restrito em que a Rússia está excluída do comércio internacional com exceção da China e da Índia, a queda do GNE ainda é de magnitude considerável e seria de cerca de -28%. Por fim, no caso mais realista em que as restrições são coordenadas ao nível de Estados hostis, a perda é de -11,29%, cinco vezes maior do que quando a UE atua isoladamente (LANGOT, et al, 2022).

Voltando ao cenário real, a Comissão Europeia busca restringir ainda mais as importações da Rússia, especialmente de petróleo e gás (LANGOT, et al, 2022). Alguns países, incluindo Alemanha e Áustria, se opõem a essa nova rodada de sanções, alegando que seriam muito caras devido à sua forte dependência da energia russa (LANGOT, et al, 2022). Nesse sentido, a Figura 35 representa o custo para a UE das restrições comerciais para os mesmos seis cenários da análise anterior.

Figura 35 - Custos de restrições ao comércio internacional para a Rússia (% do GNE)



(Langot et al., 2022)

Na conclusão dos autores, ao comparar os dados dos dois gráficos, os custos suportados pela UE são significativamente menores do que os suportados pela Rússia, qualquer que seja o cenário. Além disso, esses custos são globalmente estáveis e representam uma perda média de 0,77% no GNE. Assim, a coordenação internacional de sanções implica um custo muito mais alto para a Rússia, mas, mais importante, implica quase o mesmo custo (e acessível) para a UE (LANGOT, et al, 2022). No cenário mais

restritivo, um embargo custaria à Rússia três vezes mais do que custaria à UE, enquanto no cenário mais extremo custaria à Rússia 41 vezes mais. Finalmente, no caso mais realista de coordenação no nível de estados hostis, o custo seria 13 vezes maior para a Rússia (LANGOT, et al, 2022).

Em suma, para os autores:

Based on the most recent developments in international macroeconomics, our evaluations show that the losses for Russia are more important and out of proportion to those for the EU, which remain manageable in relation to the stakes. More importantly, our results show that the effectiveness of sanctions depends crucially on international coordination. The adage that there is strength in unity has never been more relevant (Langot et al, 2022).

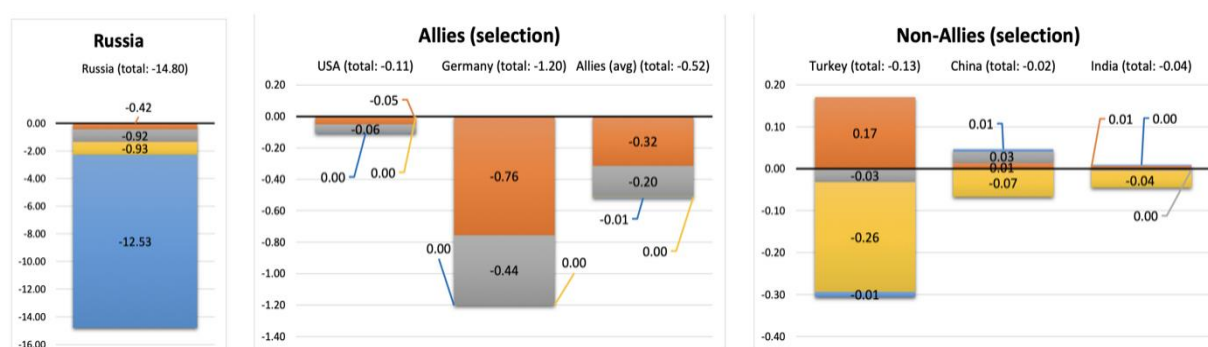
Ainda dissertando sobre as consequências das sanções ocidentais contra a Rússia, vale destacar o estudo de Mahlstein et al., que diante da espiral dessas medidas restritivas, exploraram um cenário de conflito intensificado, no qual os Aliados ocidentais estendem suas sanções a um embargo comercial abrangente à Rússia. Em seu estudo, os autores definem o embargo comercial dos Aliados como consistindo em quatro componentes cumulativos, cada um dos quais é implementado como um choque de modelo separado:

- 1) Um embargo às importações da Rússia, modelado como tarifas de importação proibitivas pelos Aliados.
- 2) Um embargo de exportações aliadas para a Rússia, modelado como tarifas de exportação proibitivas pelos Aliados.
- 3) Retirada parcial ou suspensão do IED por empresas sediadas em um país aliado;
- 4) Como consequência colateral do embargo comercial dos Aliados, custos comerciais mais altos pelos quais a Rússia continua a negociar com países não sancionadores.

Os autores destacam que, uma vez que o Ocidente acumule mais sanções, a Rússia pode muito bem ter que recorrer ao comércio com países asiáticos (MAHLSTEIN et al., 2022).

As Figuras 36 e 37 relatam os efeitos de um embargo comercial ocidental conjunto, em termos de mudanças percentuais no PIB real (Figura 36) e bem-estar econômico (ou seja, renda real; Figura 37). Cada barra dos gráficos decompõe o efeito total em termos dos quatro componentes que caracterizam um embargo comercial ocidental conjunto vistos acima (MAHLSTEIN et al., 2022).

Figura 36 – Variação percentual no PIB real (Rússia, Aliados, não Aliados)

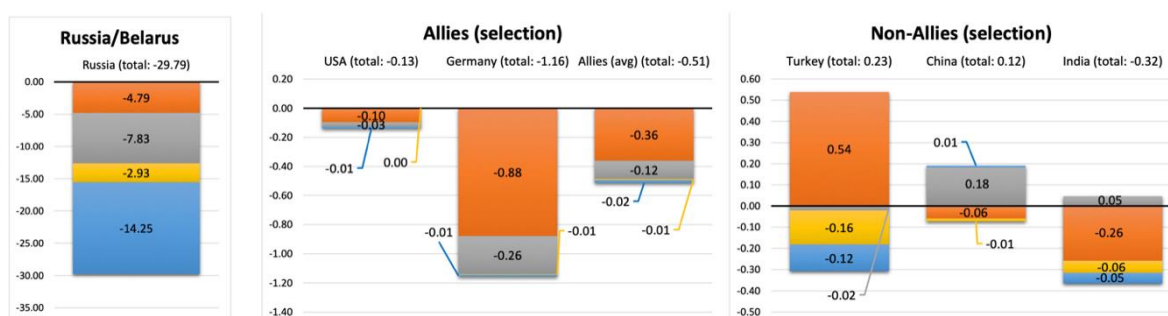


(Mahlstein et al., 2022)

Como pode ser observado nos gráficos acima, um embargo comercial aliado diminuiria o PIB real da Rússia em 14,80%. De longe, a maior contribuição para as perdas reais do PIB da Rússia resulta da retirada parcial do IED (12,53%). Os países aliados seriam significativamente menos afetados pelo seu próprio embargo comercial, com uma perda média ponderada de 0,52% do PIB real. No entanto, a dor econômica seria distribuída de forma desigual: os países aliados que são (ou costumavam ser) mais integrados à economia russa incorrem em perdas maiores, enquanto os Aliados mais ricos em recursos podem até obter ganhos marginais (MAHLSTEIN et al., 2022). Muitos países não sancionadores (principalmente China, Índia e Turquia) também sofrem perdas reais do PIB, uma vez que os custos comerciais adicionais de fazer negócios com a Rússia dominariam os ganhos com o desvio de comércio (MAHLSTEIN et al., 2022).

A Figura 37 relata mudanças na renda real (ou bem-estar). As diferenças em relação aos efeitos do PIB real (Figura 37) refletem amplamente as mudanças nos termos comerciais (a razão entre o preço de exportação e o preço de importação). O efeito de bem-estar econômico para a Rússia seria de 29,79%, quase o dobro das perdas reais do PIB, o que atesta a considerável deterioração dos termos comerciais que a Rússia experimentaria como resultado do embargo comercial aliado. As perdas reais de rendimento entre os Aliados seriam de 0,51%. Entre os não Aliados, China e Turquia experimentariam ganhos de bem-estar, enquanto a Índia teria uma deterioração dos termos de troca, resultando em uma perda de bem-estar (MAHLSTEIN et al., 2022).

Figura 37 – Variação percentual na renda real (Rússia, Aliados, não Aliados)



(Mahlstein et al., 2022)

Através dessas perspectivas, os autores concluem que as sanções são custosas para a economia russa e a retirada do IED dos Aliados seria uma poderosa ferramenta de sanção. Além disso, para as potências ocidentais, a dor econômica resultante de seu embargo comercial seria distribuída de forma desigual e os chamados não Aliados também poderiam perder (MAHLSTEIN et al., 2022). Primeiramente, porque, independentemente de como os danos econômicos sejam medidos, a Rússia sofreria perdas significativas com um embargo comercial ocidental, mesmo no curto prazo. Um embargo de importação e exportação do Ocidente levaria a uma deterioração do comércio da Rússia, já que seus preços relativos de exportação diminuiriam consideravelmente (MAHLSTEIN et al., 2022). Além disso, os russos experimentariam uma realocação ineficiente de recursos, à medida que reorganizariam sua economia em direção à autarquia e longe de parceiros comerciais relativamente eficientes e avançados, além de menos comércio em geral (MAHLSTEIN et al., 2022).

Em segundo lugar, a retirada do IED dos Aliados causaria danos colossais à economia russa, com pouco ou nenhum custo econômico para os ocidentais e orientais de maneira geral. A fim de aumentar os danos à Rússia e minimizar a automutilação, as potências ocidentais poderiam tomar medidas para reduzir ainda mais o IED em território russo (MAHLSTEIN et al., 2022).

Ademais, os países que são altamente integrados à economia russa (por exemplo, a Alemanha) e as economias do Leste Asiático com poucos recursos poderiam sofrer as maiores perdas econômicas de um embargo comercial ocidental conjunto (MAHLSTEIN et al., 2022).

Por último, os autores alertam que países não ocidentais (não-aliados) também poderiam perder, pois a maioria dos não-aliados provavelmente sofreria perdas reais do PIB em consequência dos embargos. Embora pudesse haver benefícios dos efeitos do

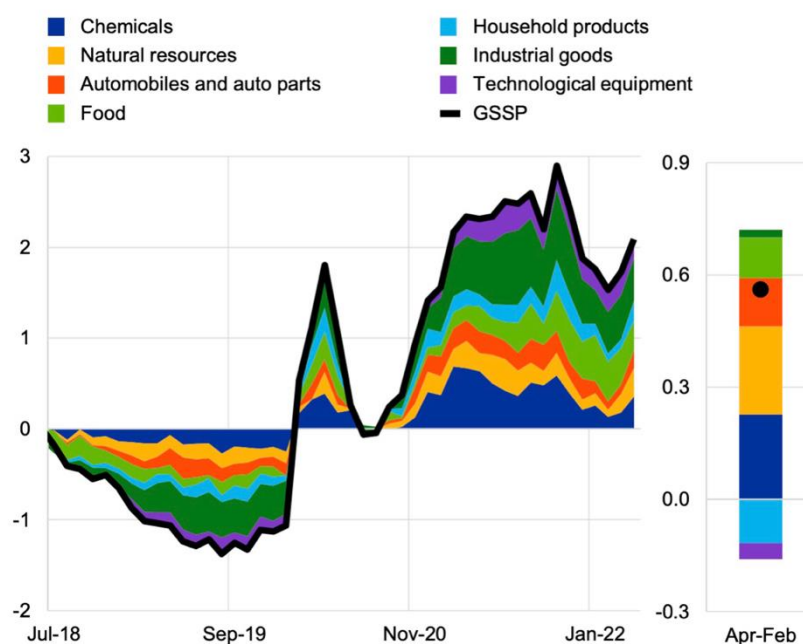
desvio de comércio para eles, esse grupo de países sofreria perdas maiores com o aumento dos custos de transação ao fazer negócios com a Rússia (MAHLSTEIN et al., 2022).

II. As implicações sobre as cadeias globais de valor

Após dissertar sobre os possíveis efeitos das sanções ocidentais contra a Rússia para o comércio internacional, faz-se necessário agora focar a análise em torno das implicações dessa crise sobre as cadeias globais de valor. Segundo estudo de Attinasi et al. (2022), os gargalos de suprimento no comércio internacional pioraram desde o início da guerra, especialmente em setores amplamente dependentes das exportações da Rússia e da Ucrânia. Dado esse contexto, os autores construíram um índice de pressões setoriais globais da cadeia de suprimentos (GSSP) que separa as contribuições de sete indústrias para agregar as pressões de oferta no setor manufatureiro.

Segundo Attinasi et al. (2022), o indicador GSSP sugere que as pressões de oferta se intensificaram novamente desde março (Figura 38), com os setores de recursos naturais e indústrias químicas sendo os principais contribuintes. Esse padrão de interrupções setoriais provavelmente reflete o impacto da guerra na Ucrânia, pois tanto a Rússia, quanto a Ucrânia são importantes exportadores de metais e produtos de mineração, bem como produtos usados na produção de fertilizantes (ATTINASI et al., 2022).

Figura 38 – Indicador de pressão da cadeia de suprimentos na fabricação global (desvios padrão do valor médio e contribuições pontuais)

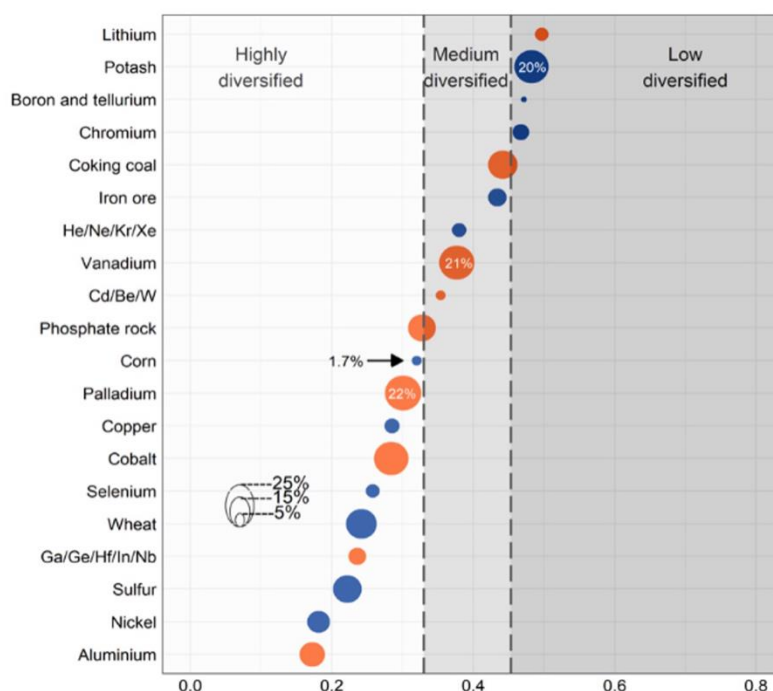


(IHS Markit, apud Attinasi et al., 2022)

Para Attinasi et al. (2022), as exportações de petróleo, gás e carvão da Rússia representam 15% das exportações mundiais dessas commodities e a UE é seu maior importador e a região com maior dependência de importações da Rússia. Isso explica as pressões de oferta recentes no setor de recursos naturais.

Além das commodities energéticas, a Rússia também é um importante exportador de matérias-primas, incluindo aquelas classificadas pela Comissão Europeia (2020) como críticas, dada sua importância econômica e altos riscos de abastecimento (Figura 39). Por exemplo, a Rússia exporta materiais utilizados na produção de fertilizantes (ATTINASI et al., 2022). A Figura 39, que se encontra abaixo, ajuda a mensurar de maneira mais fácil esses dados levantados pelos autores.

Figura 39 - Participação da Rússia nas exportações globais de matérias-primas e grau de concentração do mercado de exportação

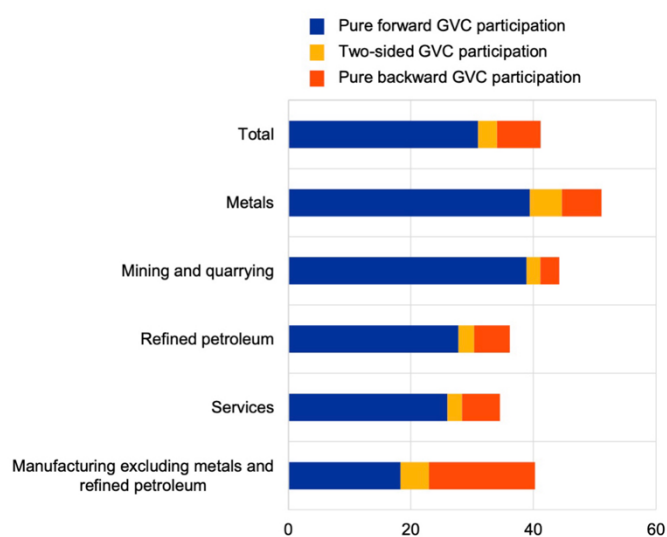


(Trade Data Commission; Comissão Europeia, apud Attinasi et al., 2022)

Observação: os materiais marcados com círculos vermelhos denotam matérias-primas estratégicas, conforme definido pela mais recente avaliação da Comissão Europeia (2020). O tamanho das bolhas refere-se à participação da Rússia nas exportações globais.

Segundo o estudo dos autores, as interrupções relacionadas à guerra, nos fluxos de produção e comércio da Rússia, podem ser amplificadas por meio de redes globais de produção. (ATTINASI et al., 2022). A participação da Rússia nessas cadeias é cerca do dobro do tamanho de sua participação no comércio global bruto (2,8% versus 1,5%) (ATTINASI et al., 2022). Os autores destacam que a Rússia tem uma das maiores taxas de participação antecipada nas cadeias de suprimentos, pois mais de 30% de suas exportações consistem em insumos usados por seus parceiros comerciais como insumos intermediários, em comparação com uma média global de apenas 18% (Figura 40). Isso é explicado pela especialização da Rússia nas indústrias de energia e metal, que são intrinsecamente mais integradas. Portanto, as interrupções nas exportações da Rússia podem se propagar através das redes da cadeia de suprimentos, tendo impacto também por meio do comércio indireto (WINKLER; WUESTER, apud ATTINASI et al., 2022). A Figura 40 auxilia na melhor compreensão desses dados.

Figura 40 - Participação da Rússia nas cadeias globais de valor em todos os setores por diferentes modos (participação percentual das exportações totais, 2020)



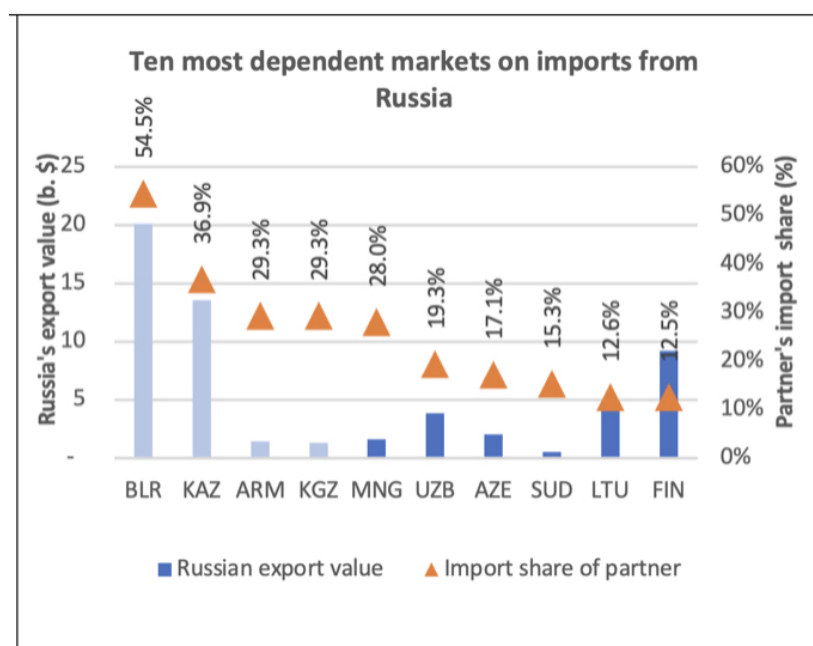
(Borin et al., 2021, apud Attinasi et al., 2022)

Os resultados sugerem que a Rússia e alguns países da UE, principalmente os países da Europa Central e Oriental e a Finlândia, seriam afetados desproporcionalmente em comparação com outros, com os efeitos de bem-estar sendo significativamente maiores quando as sanções sobre energia são assumidas, sugerindo um papel altamente difundido para insumos energéticos (ATTINASI et al., 2022).

Para Borin et al. (2022), a magnitude dos efeitos das restrições impostas pela guerra sobre a atividade econômica de produtos energéticos seria muito grande e, no caso de um embargo total de energia, eles aumentariam acentuadamente e poderiam chegar a - 4% do PIB no zona euro.

Dando continuidade à análise dos efeitos econômico-comerciais sobre os países mais integrados à economia russa, o estudo de Winkler e Wuester (2022) se mostra muito importante. Segundo as autoras, os países mais dependentes das exportações da Rússia e, portanto, particularmente vulneráveis a essa interrupção do comércio, são as economias vizinhas e regionais (Figura 41).

Figura 41 - Dez mercados mais dependentes de importações da Rússia



(Winkler; Wuester, 2022)

Em essência, enquanto o risco de CGV de um país depende em grande parte de suas ligações comerciais diretas com a Rússia, as CGVs que dependem de produtos com menos substitutos serão afetadas de maneira mais severa (WINKLER; WUESTER, 2022). A possibilidade de substituição dos insumos da Rússia também depende se os produtos são diferenciados ou homogêneos. Entretanto, vários dos principais produtos de exportação da Rússia (por exemplo, metais raros) são difíceis de substituir no curto prazo, sugerindo um impacto severo nas CGVs.

Nesse sentido, os países regionalmente próximos são particularmente dependentes da Rússia como parceiro comercial. Exemplos de alta dependência regional incluem importações de cereais e fertilizantes da Rússia, metais (níquel, ferro e aço), produtos de madeira e bens mecânicos e veículos (especialmente para os países da União Econômica da Eurásia) (WINKLER; WUESTER, 2022). A Figura 42 mostra todos os principais parceiros comerciais e os países mais dependentes das exportações russas por categoria de produto.

Figura 42 - Rússia como exportadora, principais setores e produtos e implicações para CGVs e parceiros comerciais

Sector	Key products	Key global / regional value chains	Largest direct partners	Most dependent partners
Metals	Palladium	Transp. equipment (catalytic converters)	USA, JPN, DEU, CHN, ITA	CAN, JPN, USA, ITA, KOR
	Iron and steel	Transport equipment, machinery	TUR, USA, BLR, ITA, BEL	KAZ, BLR, KGZ, AZE, UZB
	Copper, aluminum	Electronics, trans. equip. machinery	CHN, DEU, TUR, JPN, USA	BLR, KAZ, ARM, UZB, AZE
	Nickel	Metal (alloying), auto (batteries), electronic	CHN, FIN, DEU, NLD, USA	FIN, BLR, UKR, LVA, MDA
Chemicals	Fertilizers	Agribusiness	BRA, USA, CHN, IND, MEX	MNG, BLR, AZE, KAZ, MDA
Electronics	Cell phones, receivers, etc.	Electronics	BLR, KAZ, AZE, CHN, GEO	BLR, ARM, GEO, TJK, KAZ
Transport equipment	Metal, auto parts	Transport equipment, machinery	BLR, KAZ, UZB, CZE, UKR	BLR, KAZ, TJK, ARM, KGZ
Services	Transport, business serv.	Business services, agribus., transport	DEU, NLD, JPN, AUT, USA, FIN	LIT, LVA, EST, SLV, FIN

(Winkler; Wuester, 2022)

Segundo os dados na tabela acima (Figura 42), há vários países, especialmente na ECA, que podem ser considerados como exportadores críticos de metais, pois importaram mais de 90% de ferro e aço, alumínio, cobre, níquel e paládio da Rússia. (WINKLER; WUESTER, 2022). A partir dos dados na tabela, também se pode afirmar que as exportações de fertilizantes da Rússia são importantes nos mercados global e regional.

Portanto, a partir do levantamento de dados, as autoras concluem que a posição ascendente da Rússia como exportador de energia, metais, produtos químicos, bem como no transporte e nos serviços comerciais dessa gama de produtos, afeta mais severamente seus vizinhos regionais, bem como parceiros comerciais globais com substitutos limitados para essas categorias de produtos. Assim, dada a atual situação de restrições comerciais, devido à crise com a guerra na Ucrânia, esses mesmos países podem ser os mais afetados pelas mudanças bruscas no comércio internacional, já que dependem em larga escala das exportações russas, pois estão intensamente integrados nas cadeias de valor dessas categorias de produtos, influenciadas em grande medida pela economia russa (WINKLER; WUESTER, 2022).

Conclusão

Ao longo das últimas três décadas, os russos focaram sua pauta econômico-comercial fundamentalmente em duas commodities: petróleo e gás natural, no intuito de se recuperar, de maneira rápida, das crises internas em decorrência da dissolução soviética. Aproveitando-se de seu vasto território, muito rico em recursos naturais energéticos fundamentais para a economia mundial, a Federação Russa encontrou, nas exportações em larga escala dessas matérias-primas, o caminho fácil, cômodo e rápido para se recuperar dos problemas internos e, assim, tentar se desenvolver.

De início, obteve êxito, surfando na onda do aumento dos preços do mercado internacional de commodities nos anos 2000. Entretanto, com as crises da década seguinte, a estratégia russa, até então exitosa, acabou por se encontrar em cheque, pois o país passou a ser dependente de uma gama muito curta de produtos primários, estes que são intrinsecamente ligados aos mercados internacionais, que flutuam seus preços cotidianamente.

Ademais, em consequência do crescimento das novas potências asiáticas, principalmente da China, no desenvolvimento, na produção e na exportação em grande escala de produtos industrializados de alta tecnologia, a Rússia passou a se voltar para o desenvolvimento de novas relações comerciais com países asiáticos desde os anos 2000. Mas foi a partir de meados dos anos 2010 que essas relações passaram a se desenvolver mais estreitamente, em consequência das crises políticas dos russos com os países do Ocidente. Assim, o que se vê atualmente é um realinhamento geopolítico no sistema internacional, com uma crescente aproximação da Federação Russa com os chineses, que se expressa também no comércio, por meio da intensificação das trocas comerciais entre as duas partes. Entretanto, a relação se mostra muito desigual, com os russos importando em grande medida os produtos de alto padrão tecnológico e industrial da China. Esse fato prova, mais uma vez, o grau baixo do desenvolvimento econômico da Rússia. Atualmente, apenas os parceiros vêm se modificando, mas a pauta comercial se mantém a mesma: russos vendendo matérias-primas e comprando manufaturados.

Portanto, fica clara a grande importância das exportações de commodities para a economia russa, traduzindo-se até em uma dependência em relação às matérias-primas. Como foi evidenciado através dos dados anteriormente apresentados, a Rússia depende, e muito, do sucesso das vendas para o exterior de petróleo, gás natural e outros produtos de baixo valor agregado, já que há uma relação direta entre o seu bom desempenho

econômico interno com o comércio desses bens. Assim, a economia do país se mostra não muito desenvolvida quando comparada a outras potências vizinhas, pois se baseia fundamentalmente apenas na extração de recursos naturais abundantes em seu território, não investindo nos setores industriais e tecnológicos, por exemplo.

Mesmo havendo uma clara importância russa nas cadeias de valor de outras commodities, como metais e produtos químicos básicos para fertilizantes, o que implica em uma relação econômico-comercial desigual com países vizinhos e outros casos muito pontuais, os dois principais motores de crescimento econômico da Rússia são os óleos de petróleo e o gás natural. Nesse sentido, as outras matérias-primas produzidas e/ou simplesmente extraídas em território russo só dão significativo impacto político em escala regional, pois sem dúvida, o que impacta em grande parte para o seu desempenho econômico interno e os dá maior poder de barganha em escala global é apenas o setor de óleos e gás. Em suma, um país que depende fundamentalmente das exportações de um grupo muito restrito de matérias-primas e importa em grande escala produtos industrializados de alto valor agregado está certamente incluído no campo da mediocridade econômica e do subdesenvolvimento.

Referências bibliográficas

ADAM, G.P. **A Rússia e os Países da Comunidade dos Estados Independentes no Início do Século XXI**. In: ALVES, A (org.). Uma Longa Transição: Vinte Anos de Transformações na Rússia. Brasília: IPEA, 2011. p.39-80.

ATTINASI, Maria Grazia et al. **Global supply chains rattled by winds of war**. Vox debate on the economic consequences of war. Vox EU CEPR. Disponível em: <<https://voxeu.org/article/global-supply-chains-rattled-winds-war>>. Acesso em: 16/06/2022.

BANK OF RUSSIA. Oil and Gas Data. Disponível em: <<https://www.cbr.ru/eng/statistics/statpubl/>>. Acesso em: 26/05/2022.

BARROS, Luís Fernando; MAGALHÃES, Clara; MAIA, Caio. Como a dependência da União Europeia do gás natural russo contribuiu para a formação de conflitos de interesse econômico entre a Alemanha e a U.E. a partir de 2014? 2019. 23 pgs. [n/p]. Projeto de Pesquisa do Curso de Metodologia I – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019.

BEZERRA, Valdir. **Condição e Desafios da Economia Russa Atual: uma avaliação da Era Putin e a situação pós-2014**. Brazilian Journal of Internacional Relations, v.9, ed. 1, 2020.

BORIN, A. et al. **Quantitative assessment of the economic impact of the trade disruptions following the Russian invasion of Ukraine**. Occasional Paper Series, Banca d'Italia, 2022.

BORIN, A. et al. **Measuring Exposure to Risk in Global Value Chains**. World Bank Policy Research Working Paper No. 9785, 2021.

BULLOUGH, O. **Vladimir Putin: The rebuilding of 'Soviet' Russia**. BBC. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/magazine-26769481>>. Acesso em: 13.abr.2019.

CONNOLLY, R. **Russia's Response to Sanctions: How Western Sanctions Reshaped Political Economy in Russia.** Valdai Papers: 2018. Available at: <<https://valdaiclub.com/files/21144/>>. Accessed at: 24.11.2019.

CONSELHO EUROPEU; CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. Cronologia – Medidas restritivas da UE em resposta à crise na Ucrânia. Disponível em: <<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/sanctions/ukraine-crisis/history-ukraine-crisis/>>. Acessado em: 18 de maio 2019.

EUROSTAT, EU imports of energy products - recent developments, Buxelas. 2019. Disponível em: <<https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/pdfscache/46126.pdf>> Acessado em: 17 de julho de 2019.

FEDERAL MINISTRY FOR ECONOMIC AFFAIRS AND ENERGY. Renewable Energy, Federal Ministry for Economic Affairs and Energy, Berlim. 2019. Disponível em: <<https://www.bmwi.de/Redaktion/EN/Dossier/renewable-energy.html>>. Acessado em: 22 de maio 2019.

FMI [FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL]. **Primary Commodity Price System.** Disponível em: <<https://data.imf.org/?sk=471DDDF8-D8A7-499A-81BA-5B332C01F8B9>>. Acesso em: 11.nov.2019.

FREIRE, M.R. **As Eleições Presidenciais Na Rússia: Continuidade Na Mudança. Portugal: Universidade Nova de Lisboa,** 2008. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/9605/1/MRFreire_OccasionalPaper_32_IP_RI_2008.pdf>. Acesso em: 26.nov.2018.

GARCIA-HERRERO, Alicia; XU, Jianwei. **How does China fare on the Russian market? Implications for the European Union.** Russian Journal of Economics volume 5, p. 385 – 399, 2019.

GAZPROM. **Power of Siberia: The largest gas transmission system in Russia's East.** Disponível em: <<https://www.gazprom.com/projects/power-of-siberia/>>. Acesso em: 11.nov.2019.

HOSOI, Anette; JOHNSON, Simon. **How to implement an EU embargo on Russian oil.** Vox debate on the economic consequences of war. Vox EU CEPR. Disponível em: <<https://voxeu.org/article/how-implement-eu-embargo-russian-oil>>. Acesso em: 15/06/2022.

KROEKER, J. R. **The Great Neoliberal Paradox:** How Did the Neoliberal Reforms in Post- Soviet Russia lead to an Illiberal Russian State? The UC Undergraduate Journal of Slavic and East/Central European Studies, Vol. 10, pp.1-19, 2017-2018. Disponível em: <http://www.international.ucla.edu/media/files/kroeker_slavjournal_vol_ten-xb-i2t.pdf>. Acesso em: 19.jul. 2019.

KUDRIN, Alexey; GURVISH, Evsey. **A New Growth Model for the Russian Economy.** Russian Journal of Economics, Volume 1, Issue 1, p. 30 – 54, 2015.

GAZPROM EXPORT LLC, Gas supplies to Europe, Gazprom Export, Moscou. 2018. Disponível em: <<http://www.gazpromexport.ru/en/statistics/>>. Acessado em: 19 de maio 2019.

GAZPROM, Gazprom in Figures 2013-2017, Moscou. 2017. Disponível em: <<http://www.gazprom.com/f/posts/12/255042/gazprom-in-figures-2013-2017-en.pdf>>. Acessado em: 20 de junho 2019.

GURVICH, Evsey. **Natural rent in the Russian oil and gas sector.** Voprosy Ekonomiki, 11, pp. 4-24, 2010.

ITO, K. **Oil price and macroeconomy in Russia.** Economics Bulletin, 17, pp. 1-9, 2008.

KORHONEN, I; LEDRYAEVA, S. **Trade linkages and macroeconomic effects of the price of oil.** Energy Economics, 32 (4), pp. 848-856, 2010.

KUBONIWA, M. **Diagnosing the ‘Russian disease’: Growth and structure of the Russian economy.** Japan Comparative Economic Studies, 54 (1), pp. 121-148, 2012.

LANGOT, François et al. **Strength in unity: The economic cost of trade restrictions on Russia.** Vox debate on the economic consequences of war. Vox EU CEPR. Disponível em: <<https://voxeu.org/article/economic-cost-trade-restrictions-russia>>. Acesso em: 15/06/2022.

MAHLSTEIN, Kornel et al. **Potential economic effects of sanctions on Russia: An Allied trade embargo.** Vox debate on the economic consequences of war. Vox EU CEPR. Disponível em: <<https://voxeu.org/article/potential-economic-effects-allied-trade-embargo-russia>>. Acesso em: 15/06/2022.

MAU, Vladimir; ULYUKAEV, Alexey. **Global crisis and challenges for Russian economic development.** Russian Journal of Economics, volume 1, p. 4 – 29, 2015.

MELCHIOR, Arne. **Russia in world trade: Between globalism and regionalism.** Russian Journal of Economics, volume 5, p. 354–384, 2019.

MINISTERSTVO FINANSOV ROSSIYSKOY FEDERATSII [MINISTÉRIO DAS FINANÇAS DA FEDERAÇÃO DA RÚSSIA]. **Ежегодная информация об исполнении федерального бюджета (данные с 1 января 2006 г.)** [Informações anuais sobre a execução do orçamento federal (dados de 1 de janeiro de 2006)]. Disponível em: <https://www.minfin.ru/ru/statistics/fedbud/execute/?id_65=80041-yezhegodnaya_informatsiya_ob_ispolnenii_federalnogo_byudzheta_dannye_s_1_yanvar_20_06_g>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MGM Research. **Europe GDP Indicators – 2019 Forecast**, 2019. Disponível em:<<https://mgmresearch.com/europe-gdp-indicators-2019-forecast/>>. Acessado em: 20 de junho de 2019.

MIT. **O Observatório da Complexidade Econômica: Russia.** Disponível em: <<https://oec.world/en/profile/country/rus/>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MIT. **O Observatório da Complexidade Econômica: Russia.** Disponível em: <<https://oec.world/en/profile/country/rus/>>. Acesso em 27/04/2022.

PIIE. Peterson Institut for International Economics. Russia's war on Ukraine: A sanctions timeline. Disponível em: <<https://www.piie.com/blogs/realtime-economic-issues-watch/russias-war-ukraine-sanctions-timeline>>. Acesso em: 15/06/2022.

RAUTAVA, J. **Oil prices, excess uncertainty and trend growth. A forecasting model for Russia's economy.** Focus on European Economic Integration, Q4/13, pp. 77-87, 2013.

ROSSTAT [РОССТАТ]. **Россия И Страны Мира 2018:** Статистический сборник [Rússia e os países do mundo 2018: Resumo Estatístico]. Disponível em: <https://www.gks.ru/free_doc/doc_2018/world18.pdf>. Acesso em: 03. maio.2020.

RUSSIAN FEDERAL TREASURY. Oil and Gas Revenues. Disponível em: <<https://roskazna.gov.ru/en/search/index.php?q=Oil+and+gas+revenues+&s=>>. Acesso em: 26/05/2022.

SABITOVA, Nadia; SHAVALEYEVA, Chulpan. **Oil and Gas Revenues of the Russian Federation: Trends and Prospects.** Procedia Economics and Finance, volume 27, p. 423 – 428, 2015.

SEGRILLO, Â. **A Diarquia Putin-Medvedev: Dimensões da Política Interna e da Política Externa.** In: ALVES, A (org.). Uma Longa Transição: Vinte Anos de Transformações na Rússia. Brasília: IPEA, 2011. pp.137-154.

SUNI, P. **Oil prices and the Russian economy: Some simulation studies with NiGEM Helsinki.** Research Institute of the Finnish Economy, 2007.

TARASENKO, Irina. **The impact of exchange rate volatility on trade: The evidence from Russia.** Russian Journal of Economics, volume 7, p. 213–232, 2021.

TRADINGECONOMICS. **Russian Ruble: 1996-2020 Data**. Disponível em: <<https://tradingeconomics.com/russia/currency>>. Acesso em: 22.mar.2020.

WINKLER, Deborah; WUESTER, Lucie. **Implications of Russia's invasion of Ukraine for its value chains**. Vox debate on the economic consequences of war. Vox EU CEPR. Disponível em: <<https://voxeu.org/article/implications-russia-s-invasion-ukraine-its-value-chains>>. Acesso em 16/06/2022.

WITS. Advanced Query. Trade Data. Disponível em: <[WITS - Trade Data \(worldbank.org\)](https://wits.worldbank.org)>. Acesso em: 01/06/2022.

WITS. Country Snapshot – Russian Federation. Disponível em: <<https://wits.worldbank.org/countrysnapshot/en/RUS>>. Acesso em: 26/05/2022.

WORLD BANK. Data Bank – Reports – Russian Federation. Disponível em: <<https://databank.worldbank.org/reports.aspx?source=2&country=RUS>>. Acesso em 29/04/2022.

WORLD BANK. **Russia economic report No 31**. Washington, DC: World Bank, 2014.

WORLD BANK. Fuel exports (% of merchandise exports) - Russian Federation. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/TX.VAL.FUEL.ZS.UN?end=2018&locations=RU&start=2000&view=chart>>. Acesso em: 22.mar.2020.

YARASHEVICH, V. **Post-communist Economic Integration: Belarus, Kazakhstan, and Russia**. Journal of Economic Integration, Vol. 29, No. 4 (December 2014), pp. 582-623.

ŽIŽEK, S. **Alguém disse totalitarismo? Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção**. São Paulo: Boitempo, 2013.